

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Câmpus de Rio Claro

WILLIAM JORGE FERREIRA SANTOS

AS METAMORFOSES NO ESPAÇO COM O ADVENTO DA  
COPA DO MUNDO NO BRASIL: estudos sobre o distrito de  
Itaquera-SP.

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -  
Câmpus de Rio Claro, da Universidade  
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para  
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP  
2011

910h.38141 Santos, William Jorge Ferreira

S237m

As metamorfoses no espaço com o advento da Copa do Mundo no Brasil: estudos sobre o distrito de Itaquera-SP / William Jorge Ferreira Santos. - Rio Claro : [s.n.], 2011

106 f. : il., figs., tabs., fots., mapas

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura e bacharelado - Geografia Integral) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Orientador: Silvana Maria Pintaudi

1. Geografia urbana – São Paulo (SP). 2. Produção do espaço urbano. 3. Espaço-mercadoria. 4. Consumo do espaço. 5. Capital financeiro. I. Título.

WILLIAM JORGE FERREIRA SANTOS

AS METAMORFOSES NO ESPAÇO COM O ADVENTO DA  
COPA DO MUNDO NO BRASIL: Estudos sobre o distrito de  
Itaquera-SP.

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -  
Câmpus de Rio Claro, da Universidade  
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para  
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

\_\_\_\_\_ (orientador)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Rio Claro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

## **AGRADECIMENTOS**

O conhecimento é construído coletivamente numa sociedade, e, por este motivo, seria quase impossível enumerar em palavras todas as pessoas que me ajudaram nesta empreitada. Porém, gostaria de enumerar alguns.

Primeiramente ao Departamento de Geografia e Planejamento Territorial, que abriga a maioria dos professores que foram essenciais para minha formação acadêmica e para o desenvolvimento deste trabalho final de graduação.

Também, um agradecimento aos meus pais que proporcionaram todo arcabouço material e psicológico, dando-me tempo hábil para as reflexões que serão apresentadas.

A professora doutora Silvana Maria Pintaudi pela oportunidade e confiança em me aceitar como mais um de outros tantos orientandos.

Para Magno de Lara Madeira Filho, que em momentos de grande conturbação, separava seu tempo para ouvir minhas indagações. E pelas longas conversas que renderam muitos frutos.

E por fim, aos meus amigos e próximos, sinceras desculpas pela ausência.

“(...) Sartre, com quem Lefèbvre polemizou durante boa parte de sua vida, reconheceu com precisão a importância de sua interpretação do método: (...) é um marxista, Henri Lefèbvre, quem deu um método que no meu modo de ver é simples e irrepreensível... Nada temos a acrescentar a esse texto tão claro e rico...” SARTRE, J. P. *Critica de la razón dialéctica* trad. Manuel Lamana. (In.) MARTINS, J. de S. *Henri Lefèbvre e o retorno à dialética*, 1996, p. 21

## RESUMO

O presente trabalho discute a reprodução das relações sociais na ótica das novas relações de produção no urbano - tendo como universo empírico de análise-, o distrito de Itaquera na metrópole de São Paulo, com advento da Copa do Mundo no Brasil. Partindo da leitura de uma realidade em movimento, na qual a análise caminha abarcando a relação dialética entre espaço e sociedade, onde o primeiro se traduz em produto e condição de reprodução da vida, objetiva-se desvelar as metamorfoses que ocorrerão no espaço urbano com sua conseqüente contradição, qual seja a reprodução ampliada do capital concomitantemente ao processo que denuncia um movimento de espoliação do espaço social. Com a aprovação da sociedade diante destes grandes projetos arquitetônicos possibilitados pela ideologia, determina-se a (re) produção de espaços artificiais de consumo, financeirizados para ampliação do capital. O atual estágio que o capitalismo revela um espaço tornado mercadoria de consumo massificado, consequência da vitória do valor de troca sobre o valor de uso, amalgamado em medidas positivas de expulsão/varredura de camadas socioeconômicas de baixa renda.

**Palavras chave:** espaço–mercadoria, consumo do espaço, capital financeiro.

## ABSTRACT

The present work discuss the reproduction of the social relations from the point of view of the new urban production relations - having as empirical universe for analysis-, the Itaquera district in the Sao Paulo metropolis, with the advent of the World Cup in Brazil. Starting with the reading of a reality in movement, in which the analysis walks covering the dialectic relationship between space and society, where the first is translated into product and life reproduction condition, aiming to unveil the metamorphoses that will take place in the urban space with its consequent contradiction, what it may be the expanded capital reproduction concomitantly with the process that denounces a spoliation movement of the social space. With the society approval before these big architectural projects enabled by ideology, it's determined the (re) production of artificial spaces of consumption, funded for the capital extension. The current stage that the capitalism reveals a space turned into mass consumption merchandise, consequence of the victory of the exchange value over the usage value, amalgamated in positive measures of expulsion/sweeping of low income socio-economic layers.

**Key words:** merchandise-space, space consumption, financial capital.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Slogan ilustrativo do serviço aberto para população.	26
FIGURA 2. Slogan ilustrativo do serviço aberto para população	26
FIGURA 3. Maquete da área onde será construído o estádio em Itaquera para abertura da Copa de 2014 no Brasil.	27
FIGURA 4. As subprefeituras que compõem a chamada Zona Leste paulistana.	40
FIGURA 5. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social mostrando a subprefeitura de Itaquera. Resumidamente, distritos de Itaquera (ao norte), José Bonifácio (porção sudeste), Parque do Carmo (ao sul) e Cidade Líder (ao oeste).	47
FIGURA 6. Área urbanizada entre 1930 e 1949, representando, a periferia no período descrito, seja pelo adensamento industrial e populacional característico da história paulistana nestas áreas.	65
FIGURA 7. Figura modificada com ênfase em Itaquera. Área urbanizada entre 1950 e 1962, continuando o adensamento industrial e populacional característico da história paulistana nestas áreas.	67
FIGURA 8. Crianças da COHAB jogando bola (paixão mundial e financeiro-comercial).	70
FIGURA 9. Uso e Ocupação do solo na Cidade A. E. de Carvalho. AVERSAN (2008, p. 105). Escala de 1:10.000.	71
FIGURA 10. Relações métricas referentes aos espaços internos de um modelo de habitação da Companhia habitacional de São Paulo (Cohab).	73
FIGURA 11. Eixo abalizado que descreve o processo histórico até uma “Zona Crítica” em LEFEBVRE (1999, p. 27).	83
FIGURA 12. Área urbanizada entre 1975 e 1985, retratando a continuidade da ocupação, enfatizando Itaquera e a dos outros distritos que compõem a Zona Leste paulistana.	85
FIGURA 13. Área urbanizada entre 1993 e 2002. O adensamento na mesma área, agora, em menor escala, sinalizando uma situação de saturação.	85

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Diferenciação dos centros.	21
--------------------------------------	----

TABELA 2. Sentidos dados ao termo <i>periferia</i> , em GEORGE (1983, p. 79).	49
TABELA 3. População absoluta de acordo com o senso de 1950.	62
TABELA 4. Cronologia dos espaços criados através da COHAB-SP para família de camadas inferiores.	72
TABELA 5. Elementos do novo empreendedorismo elaborado a partir de HARVEY (2005, p. 172-173).	88
TABELA 6. Parceiros comerciais da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Note que as empresas em parceria com a federação esportiva, todas elas, são marcas signos do consumo mundial.	92

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1. Espacialização a partir de uma montagem sobre a localização dos Shoppings Center na região metropolitana de São Paulo.	33
MAPA 2. Área que compreende o advento do estádio em Itaquera, representando o “arco de pobreza”.	48
MAPA 3. Planta funcional de Itaquera em 1956 em Aroldo de Azevedo (1958, p. 163).	61
MAPA 4. Recorte feito na Planta da cidade de São Paulo de 1943. Em números essa distância é de aproximadamente 20 km.	66
MAPA 5. Número aproximado de unidades habitacionais dos conjuntos referentes a COHAB-SP nos distritos paulistanos.	75
MAPA 6. Número aproximado de unidades habitacionais dos conjuntos referentes à CDHU nos distritos paulistanos.	76

## LISTA DE FOTOS

FOTO 1. Imagem panorâmica do SESC Itaquera.	29
FOTO 2. Panorâmica do Shopping-Center Metrô Itaquera.	31
FOTO 3. A Estação de Itaquera no ano de 1955.	63

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.</b>	12
<b>CAPÍTULO 1. O DISTRITO DE ITAQUERA: SOBREVÔO NA PROBLEMÁTICA DO ESPAÇO.</b>	17
1. A articulação do mundial no distrito de Itaquera: periferia paulistana.	20
1.1. A concepção centro-periferia que persiste em Itaquera.	35
1.1.1. Moradias no distrito.	37
1.2. Descrição da problemática na “área” da Copa e eventos anteriores já materializados no espaço.	39
1.3. Descrição de alguns agentes encabeçados nas metamorfoses do espaço.	42
1.4. Os primeiro a chegar: especulação imobiliária ao prenuncio do evento.	46
<b>CAPÍTULO 2. AS CONDICIONANTES HISTÓRICAS EM ITAQUERA: GÊNESE DE UM ESPAÇO URBANO DA METRÓPOLE PAULISTANA.</b>	51
2. Produção de espaços parcelados em Itaquera.	53
2.1. A concepção de subúrbio em Pierre George no livro <i>Geografia Urbana: Lugar e adequação no espaço em estudo.</i>	55
2.2. Itaquera suburbana: conversações na Geografia à Aroldo de Azevedo.	60
2.3. A ascensão para “Distrito Residencial” ou dormitório.	62
2.3.1. Ações do Estado e de empresas privadas para construção das moradias populares	69
<b>CAPÍTULO 3. A “COPA” NA MUNDIALIDADE DE ITAQUERA: QUEM PERDE E QUEM GANHA DENTRO DESTE ESPAÇO URBANO.</b>	77
3.1. As novas relações espaciais na hipermodernidade são pré-moldadas para o evento esportivo?	79
3.2. A relação cidade-campo: resíduo perdido de Itaquera?	83
3.3. Construção, em David Harvey, da passagem do “administrador” para o “empreendedor”: uma relação público-privada no estudo.	87
3.3.1. Os signos do consumo do mundial que se aventurarão por Itaquera com a Copa do Mundo em 2014: Uma realidade apenas ampliada?	91

3.4. O processo vindouro de revalorização em Itaquera: quem perde e quem ganha?	93
<b>CONCLUSÃO.</b>	95
<b>REFERÊNCIAS.</b>	100

# **INTRODUÇÃO**

Dentro da nossa perspectiva sobre o estudo da metrópole, e sendo a paulistana a que analisaremos, o distrito de Itaquera constitui-se um fragmento espacial dessa imensa massa de pessoas e de vivências intercaladas. O fragmento será entendido como o lugar, na metrópole de São Paulo, que, segundo Carlos (2006, p. 83):

... se estrutura no nível do mundial- a partir do desenvolvimento do capital financeiro, onde a dinâmica espacial da atividade econômica em curso que desconcentra a indústria da metrópole traz em seu lugar as atividades voltadas ao setor terciário, com o pleno desenvolvimento do setor financeiro e dos serviços a ele associados como o desenvolvimento do setor hoteleiro, com seus centros de convenções, a criação de um circuito cultural, novos centros de lazer com suas novas estruturas arquitetônicas, através da produção de um “lugar específico”.

O estudo dos lugares, para o pesquisador, não se apresenta de imediato. Muitas vezes é mascarado por uma prática que se sobrepõe à realidade concreta. Vários desses lugares ficam à margem do conhecimento legislado, das possibilidades legitimadas pela lei onde o acadêmico necessita de esforços para encontrar caminhos para uma análise social.

Seriam os lugares, partes de um espaço maior que engendram uma lógica dirigida para o consumo do espaço? Aparentemente pouco explica ou diz respeito a algo, contudo, muitos modos contrários de conceber a vida emanam do interior do espaço. Estas formas remontam a história que é desvinculada das acepções comumente dadas e esses lugares.

O distrito de Itaquera, que sempre sofreu muitas transformações, parte em direção a concepções dirigidas para um fim, vindas de seu centro decisório- transformações no âmbito da metrópole-, perde muito da sua caracterização e da sua história.

Resgatemos esses elementos e compreendamos a problemática que prenuncia a abordagem dialética dos termos, que, a priori, deve ser apontada. Esse é um quesito para a compreensão da crise existente na produção de um espaço socialmente construído, apropriado por forças antagônicas ao lugar.

Continuando, ainda, segundo Carlos (2007, p. 23):

Nessa direção, a cidade como espaço produzido vai ganhando novos sentidos, conferidos pelos modos de apropriação do ser humano, objetivando a produção da sua vida. Deste modo, a apropriação revela-se como uso dos lugares em tempos definidos para cada atividade- produtiva ou não- produtiva. Assim a cidade pode ser analisada como lugar que se reproduz enquanto referência- para o sujeito- e, nesse sentido, lugar de constituição da identidade que comporá os elementos de sustentação da memória, e nesta medida, a análise da cidade revelaria a condição do homem e do espaço urbano enquanto construção e obra.

A aceleração do consumo na metrópole, sua força de transformação, modifica os lugares historicamente enraizados, criando lugares “novos”, que não têm semelhanças com seu entorno e fazendo parte de uma lógica fora de sua órbita<sup>1</sup> restrita, caminha para a construção de espaços, e a finalidade é a de que elas sejam repetidas e reproduzidas.

Dentro desse universo de análise, quais seriam os agentes responsáveis entre os que se apresentam como agentes mundiais e locais no espaço? Quais seus objetivos verdadeiros e sua relação com esse espaço? Podemos neste momento traçar este objetivo? Assim, o lugar mantém relações específicas da sociedade por meio de práticas cotidianas: E como ficariam essas relações com o advento de um acontecimento mundial que se perenizará como é o caso da construção do estádio que abrigará a Copa do Mundo de 2014 em Itaquera?

A partir de uma regressão no espaço, constatamos a formação do caráter da modernidade, quando se constata um alastramento dos espaços periféricos, fruto do desenvolvimento conflituoso que se assenta sobre a metrópole e, principalmente, sobre as zonas distantes da centralidade política, econômica e mesmo cultural, visando à reprodução de relações sociais no espaço e na produção de uma mais-valia ampliada. Segundo NOGUEIRA (2006, p. 376):

De forma geral as áreas da cidade de São Paulo a que se convencionou chamar de periferia caracterizam-se de modo predominante como bairros de residência de trabalhadores, urbanizados a partir de 1940 e formados por uma sucessão de loteamentos populares, ocupados por denso “mar” de casas autoconstruídas, em grande parte inacabadas.

Hoje as periferias das regiões metropolitanas, convivem diariamente com o mundialidade das trocas de mercadorias e dos padrões de consumo da sociedade dita urbanizada, em toda sua efemeridade, revelando, assim, o caráter fetichista dessa mesma sociedade.

O distrito de Itaquera, como um dos lugares mais populosos da região metropolitana de São Paulo, encaixa-se na caracterização acima descrita.

Com intensidade e dinamismo, forças produtivas e os meios apresentam-se, indiscutivelmente, mais fortes em São Paulo, deslocando-se para as adjacências (Subdistrito de Itaquera – Distrito de Itaquera – Área no entorno do evento prenunciado).

---

<sup>1</sup> A “órbita” referida no texto será mais desenvolvida no segundo capítulo, mais especificamente no momento que entrarmos na regressão para entendimento da “vida de bairro”, discutida com base em Pierre George e Henri Lefèbvre. O termo, designa a abrangência da compreensão que o morador tem em relação ao seu entorno, seu caráter de afetividade e conhecimento material, inclusive, pelo fato do mesmo, diferenciar sua entorno em contraposição a outro bairro. O bairro é o espaço de reprodução das funções cotidianas e rotineiras das pessoas.

Nesta pesquisa de conclusão da graduação em Geografia Urbana queremos mostrar a realidade imposta ao espaço com o advento da Copa do Mundo no Brasil, em especial no distrito de Itaquera, como também, indicar a imperativa necessidade de avançar ainda mais nos estudos enfocados dentro do espaço urbano com o objetivo de elucidar a voracidade das transformações sociais, que precipitam transformações geográficas.

A partir de certo momento, no centro urbano paulistano, agentes públicos e privados envolvidos em ações articuladas (culminadas numa exploração e posteriormente produção do espaço), descobrem novas formas de extrair valor da terra- pelo seu viés especulativo-, reproduzindo as relações sociais.

Nesse contexto, o espaço urbano é constituído por um centro decisório e por regiões periféricas. Ambos são espaços que guardam características gerais e peculiares, de modo que podem ser considerados “produto e condição para a reprodução da vida”. É produto porque está dentro de uma linha produtiva movida por uma determinada sociedade de relações mútuas; e condição, já que de certo modo, o já estabelecido na história é, por vezes, ultrapassado, embora alguns resquícios resguardados nas relações sociais ainda sejam aproveitados e, até mesmo, capitalizados.

### ***Fundamentação Teórica***

O método lefebvriano aqui adotado prevê o direcionamento analítico, dividido em três momentos distintos e articulados: *descritivo*, *analítico-regressivo* e o *histórico-genético*. Não serão relatadas “histórias” ou simulações temporais, mas será feita, a tentativa de analisar diversas temporalidades encontradas e coexistentes num mesmo espaço e, conseqüentemente, modificadas e moldadas por vários agentes transformadores.

Lefèbvre em 1970<sup>2</sup> apresenta seu método publicado no “*Cahiers Internationaux de Sociologie*” em 1953:

- a) *Descriptivo*. Observación, pero informada por la experiencia y una teoría general. En primer plano: la observación sobre el terreno. Utilización prudente de las técnicas de encuesta (entrevistas, cuestionarios, estadísticas).
- b) *Analítico-regresivo*. Análisis de la realidad escrita. Intento de fecharla exactamente (para no contentarse con una relación de “arcaísmo” sin fecha, sin comparación unos con otros).
- c) *Histórico-genético*. Estudio de las modificaciones aportadas a la estructura en cuestión, una vez *fechada*, por el desarrollo ulterior (interno o

---

<sup>2</sup> Edição original publicada na França, HENRI, Lefèbvre. *Du Rural à l'urbain*. Editions Anthropos, 1970

externo) y por su subordinación a estructuras de conjunto. Intento de una clasificación genética de las formaciones y estructuras, en el marco del proceso de conjunto. Intento, por tanto, de regresar a lo actual precedentemente descrito. Para reencontrar lo presente, pero elucidado y comprendido: *explicado*.<sup>3</sup>

As mudanças que ocorrem em Itaquera, as repercussões que se instalarão com a proximidade do evento de imensa magnitude como uma Copa do Mundo, assim como, novos hábitos que se moldarão estrategicamente são objeto de investigação no decorrer da construção dos três momentos citados.

O novo dá lugar ao velho? O velho desaparecerá? Moldar-se-á? É possível aferir, já, ainda que timidamente, um novo sentido para Itaquera e suas históricas configurações, a partir da confirmação do advento da Copa do Mundo?

As contradições do capitalismo como de qualquer outro modo de produção dominante, estão ocorrendo também no distrito de Itaquera. Procuremos através do método e a partir do que já está posto, enxergar as transformações sutis e sufocadas.

---

<sup>3</sup> HENRI, Lefèbvre. **De lo Rural a lo Urbano**. 1978, p. 71.

# **CAPÍTULO 1**

**O DISTRITO DE ITAQUERA: SOBREVÔO NA  
PROBLEMÁTICA DO ESPAÇO.**

Dentro da sequência de pensamento (relacionada aos três momentos) direcionado pelo método regressivo-progressivo, prosseguimos com a análise inicial após a breve introdução ao nosso estudo sobre Itaquera.

A primeira aproximação com o objeto escolhido é de grande importância, pois incita o pesquisador a procurar informações e dados que expliquem diversas esferas da vida da sociedade que hoje estão se interpenetrando no espaço. É uma análise de sobrevôo diante da fragmentação inerente à metrópole, e da sempre tendente homogeneização de relações sociais, explicitadas, por exemplo, nas formas de comércio, que, conseqüentemente, dimensiona geograficamente o consumo de mercadorias, signos da modernidade.

O capitalismo, ao longo do seu percurso na hipermodernidade- que, no caso de São Paulo, se origina no centro, por meio de uma lógica que existe *no espaço* e que passa a ser a *do espaço* itaquerense, que, ao se reproduzir, concretiza a lógica mundial de reprodução do capital.

Esses espaços estão convivendo horizontalmente com outros espaços, quer dizer, eles podem ser geograficamente entendidos conforme coloca Martins (1981, p. 165) em relação a uma *Complexidade Horizontal*, compreendendo “(...) em uma palavra, o conjunto de *condições*”.

A idealização deste capítulo em a relação ao distrito de Itaquera deveu-se a necessidade de descrever as formas mais popularizadas da mundialidade na metrópole: os automóveis, os centros de lazer, e espaços de comércio e consumo como os shopping-centers (shopping-center Metrô Itaquera), internet como expressão da virtualidade, concretudes materializadas, visto que fazem parte da rotina do morador.

Tendo em vista o exposto acima, seria possível entender o distrito de Itaquera como um espaço de periferia? Certamente ele figura numa paisagem engendrada no espaço social, que ainda persiste em sua materialidade e imaterialidade (veremos esse último item, descrito nas palavras de Bauman (1999) sobre a Internet).

Alertamos de imediato, que a análise aqui apresentada sobre o maior acontecimento da história de Itaquera, o mundial futebolístico de 2014 (com desdobramento em escala ainda de difícil mensuração), podem não revelar todas as implicações que se darão no espaço urbano.

Apesar disso, as movimentações nos “bastidores”, se apontarão na parte com nome de “*Os primeiro a chegar: Especulação imobiliária ao prenuncio do evento*”. Mas antes disso, entendemos que os primeiros indícios são os que apontam o relacionamento dos agentes públicos e privados envolvidos. Descritos, estarão os bancos (BNDES), empreiteiras

(Odebrecht escolhida pelo Governo Federal), imobiliárias (as locais estão descontentes quanto ao impacto repentino do prenúncio) e os clubes-empresas (como o Esporte Clube Corinthians) que são os agentes que mais se esforçam para a concretização das operações urbanas necessárias para implantação do estádio para Copa do Mundo em Itaquera, juntamente, com as metamorfoses espaciais que repercutirão nos modos de relação social da população local.

Dentre as relações no espaço entre agentes mencionados a mais clara constatação se mostra na especulação imobiliária, que, logo nos primeiros momentos do anúncio do evento, cada vez mais vivamente se apresenta nos setores de informação às massas.

Os loteamentos antigos eram especulados sob imperativas bem diferentes dos de hoje, quando os loteamentos estão atrelados a *financeirização da economia do século XXI*, com as matrizes vindas do século passado (posterior a ruralidade no distrito). Antes o preço de uma porção de terra arável era estipulado devido à proximidade de ferrovias (o trem a vapor); hoje, ao contrário, são os grandes centros de consumo e de lazer, assim como espaços dos arredores de grandes rodovias (rodovia Jacú-Pêssego, principal via de Itaquera) e estações metroviárias são os itens selecionados para valorizar as moradias e o comércio em Itaquera.

## 1. A articulação do mundial no distrito de Itaquera: periferia paulistana.

A metrópole de São Paulo é um grande mundo a ser explorado. Sua grandeza espantosa, se comparada à dos grandes centros mundiais e de toda América Latina se configura como centralidade hegemônica. Apresenta vários padrões espaço-temporais, nas variadas esferas da vida, como formas de apropriação do espaço social: cultura, sociedade, política etc. O Estado e iniciativa privada interpenetram-se constantemente, tornando difícil para o observador o recorte empírico necessário.

Como consequências da hegemonia do modo de produção, as formas atuais de extração de mais-valia expandiram-se para além do centro, para espaços geográficos muito distantes.

As transformações geográficas abarcam um movimento duplo e antagônico: de um lado uma fragmentação, de outro, uma tentativa de aglomeração, de homogeneização de relações entre os homens.

A sociedade estabelecida nesses espaços produziu e reproduziu seus próprios modos, suas próprias necessidades e gostos. Essa é a nova realidade apresentada, agora sob a ótica do urbano.

A diferenciação é nítida na comparação *centro* e *periferia* até certo momento, como esclarece Lefèbvre (1973, p. 18) que:

Uma tal relação- a relação entre centro e periferia- não é gerada dialecticamente no decurso de um processo histórico, mas lógica e estrategicamente. O centro organiza o que o rodeia, dispõe e hierarquiza as periferias. Os que o ocupam e que dominam o poder governam aí segundo princípios e conhecimento efectivo. De sorte que as relações “centro periferia” só indirectamente brotam de lutas prévias, de lutas de classes ou de povos.

Se o centro paulistano era o único lugar onde as funções mais complexas como a concentração de decisões, por outro lado, a periferia constituía-se como um lugar de reserva de pessoas, dos trabalhadores das classes mais baixas que, no presente, convivem em espaços que refletem esquecimento e provisoriidade.

Tem-se a cidade, ou melhor, a cidade urbanizada, como o espaço que garante a sociedade, que manipula suas relações produtivas. Ela pode ser analisada pelos seus aspectos sociais e, de igual modo, pelas metamorfoses espaciais, que, tomando forma, contém as características da mundialidade e conseqüentemente do consumo.

Esse quadro de reproduz nas periferias apesar das contradições que existem nelas. Apesar de verdadeira, existe nessa realidade a necessidade de ampliação do consumo para obtenção de mais-valia, como tentativa de sobrepor-se em relação à heterogeneidade reinante. Esse fato se inscreve na veiculação do conceito geográfico que chamamos de *novas áreas de centralidade*, que partem de uma repetição da apropriação do espaço urbano tornado valor de troca, com degeneração do *valor de uso*, apontado por Karl Marx, como se evidencia em regiões paulistanas como Itaquera na Zona Leste.

Tourinho (2006) diferencia três dimensões de expressão geográfica: o *centro*, *centro expandido* e as *novas áreas de centralidade*.

TIPOLOGIAS DE CENTRO

<b>Centro</b>	...de caráter concentrado, resultante do desdobramento do "centro velho" no "centro novo", cuja a unidade se consolida nos anos de 1950, caracterizado pela contigüidade física e pela complementação funcional;
<b>Centro Expandido</b>	...de caráter disperso, entendido como área equipada consolidada entre meados da década de 1960 a fins da de 1980, resultante do período chamado milagre brasileiro;
<b>Novas áreas de centralidade</b>	...de caráter fragmentado, criadas após os anos de 1980 fora do centro expandido, como resultado de fortes operações imobiliárias e urbanísticas ou, ainda, dentro dele, como produto de operações de revitalização urbana.

TABELA 1: Diferenciação dos centros. Elaborada a partir de: TOURINHO (2006, p. 277).

O interessante a destacar, na tabela acima, é a diferenciação do centro expandido e das novas áreas de centralidade pela sua datação histórica em relação ao centro propriamente dito, "cuja unidade se consolida em 1950", em seu caráter geográfico, restringindo-se, assim, a capacidade de expansão e necessidades intrínsecas de seu centro principal. O centro expandido se assenta sobre a expansão econômica, quando São Paulo dinamizou seus limites geográficos, com a expansão do comércio e indústria e acomodamento, em escassas habitações, na sua maioria ocupada por trabalhadores de baixa renda.

As transformações no espaço em Itaquera adquirem sua máxima implicação nas novas áreas "de caráter fragmentado", após 1980 em "operações imobiliárias e urbanísticas". Contudo não se deve entender, ainda, o movimento interno de "revitalização" do distrito como resultado do prenúncio evento e das condições, ainda precárias, do plano de ação

política sobre o uso dos solos. São espaços que caracterizam um máximo de expansão da cidade já em plena urbanização. Segundo Lopes Júnior e Santos (2010, p. 121):

Desta forma, ocorre que as atividades tradicionalmente centrais, deslocam-se de seu local originário (des) centralizam-se, e (re) localizam-se em novos pontos, ou seja, em novas centralidades, inclusive especializando-se de modo a favorecer a segregação urbana.

A realidade dialética desse conceito explorado na Geografia Urbana constitui-se um conjunto de ferramentas da análise: (des) centralizam-se como um momento arquitetado e opostamente (re) localizam-se, sem perder sua lógica e estratégia originais para o novo espaço em vias de apropriação.

A sociedade que absorve as mudanças reage mudando modos de vida no que tange o ato de “habitar” uma periferia, “(...) especializando-se de modo a favorecer a segregação urbana”. Ainda segundo (Lopes Júnior e Santos 2010): “(...) Portanto, todo processo da formação de novas centralidades urbanas provocam mudanças socioespaciais com significativas alterações no tecido urbano que podem ser notadas na relação centro-periferia”.

O que nos interessou ao focar Itaquera é justamente essa apropriação diferenciada em contrapartida ao seu passado materializado, desde sua expansão, a partir da metade do século XX, uma ida sem volta em direção à urbanização, que adquire maior transparência quando se pesquisa as metamorfoses do espaço.

As contradições entre as formas urbanas e sua realidade historicamente enraizada do e no espaço, o que as caracteriza como uma periferia paulistana situam uma reorganização geográfica da metrópole, que se revela na necessidade de buscar uma compreensão da relação dialética dos termos centro-periferia.

Sobre a descentralização do centro histórico<sup>4</sup>, reproduzindo uma revitalizada dinâmica espacial, Carlos (2005, p. 29) define duas escalas de mensuração da problemática que em tese possui os mesmos atributos que a conceituação dada por (Torinho 2006). A “primeira escala”, exemplo, que a levantada pela autora refere-se, relativamente, ao que (Torinho 2006) primeiro chama de “centro” e “centro expandido”:

... a primeira se refere, especificamente, às transformações no plano da metrópole – o modo como as mudanças do setor produtivo se realizam produzindo um “novo espaço” conseqüência da imposição de uma nova divisão espacial do trabalho – o deslocamento do setor industrial se realiza com a sua substituição pelas atividades de serviço e comércio modernos e

---

<sup>4</sup> O segundo capítulo deste estudo trata da questão do centro histórico, cuja explosão e conseqüente implosão definem as novas centralidades, aqui conceituadas em Itaquera.

com a conseqüente expansão do “eixo empresarial-comercial” da metrópole. Mas se as transformações constatadas na metrópole de São Paulo revelam de modo indiscutível, o crescimento do setor de serviços modernos é sobretudo o movimento da reprodução espacial que revela o conteúdo do processo de urbanização. A segunda é a escala do território a partir da redefinição da centralidade da metrópole. Em ambas as escalas, a intervenção do estado assume papel central no sentido de criar as condições necessárias à realização do processo de acumulação (colocando-nos diante de uma nova relação Estado-espaço).

Se no espaço das periferias paulistanas novas relações produtivas de assentam, elas são posteriores à reprodução dos fluxos materiais e virtuais baseados na generalização de mercadorias com expressão mundial. Encaixam-se nessa perspectiva a invasão dos meios que possibilitam uma reprodução de relações sociais, baseadas no intercâmbio geográfico dos meios de produção da modernidade, do estrangeiro, exigidos numa sociedade fragmentada.

### *Automóveis*

Na pesquisa com base em fontes populares de informações sobre a realidade da Zona Leste, onde se situa Itaquera, além dos problemas sociais e espaciais, que em nosso estudo são os principais, também se verifica a questão da utilização desenfreada dos meios de transporte individualizados, desembocando nos congestionamentos e na mobilidade urbana, típica da metrópole do século XXI. O problema não se concentra apenas nessa região, nem fica restrito à metrópole, mas, como sabemos, é um problema crônico nas cidades modernas.

Isso se deve ao aumento dos meios de transporte, que atualmente permitem maior acessibilidade a todas as camadas sociais, exigindo cada vez mais um espaço útil para sua utilização, que não se pode mais produzir dentro do urbano metropolitano. Há necessidade de desenvolver outras funções básicas- exigências refletidas na vida das pessoas-, como a construção de moradias, comércio e indústria para a reprodução da sociedade.

O desinteresse por grande parte da população pelos meios de transporte coletivo, não é uma problema que se explica pela iniciativa das vontades, desejos e ações da população. As grandes empresas automobilísticas investem em publicidade, oferecendo produtos tecnológicos acessíveis a diferentes estratos sociais<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Em nota remetemos o leitor para a FIGURA 3: “*Maquete da área onde será construído o estádio em Itaquera para abertura da Copa de 2014 no Brasil*”, que na própria planta do estádio para o evento mundial, já é concebida uma área (que avistamos como uma grande área) para abrigar os carros. Veja-

Em matéria publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*, com o título “*Produção de veículos cresce 24% e bate recorde em fevereiro*”. Na referida notícia jornalística está relatada a legitimação crescente da sociedade por veículos de transporte individuais. Este é um problema urbano que é preciso ser largamente estudado<sup>6</sup>, mas, contudo, com as devidas adequações quanto aos conceitos empregados (críticos ou não, por exemplo).

Cria-se uma necessidade de consumo nas pessoas que é socialmente válida, que exprime diferenciações entre pessoas pela sua aquisição. Os automóveis viram modelos de diferenciação entre as pessoas, em que, *andar de carro e ter o modelo último de uma determinada marca, me coloca em uma classe específica na sociedade e me faz ser visto a partir deste objeto tecnológico, técnico e metafísico*<sup>7</sup>.

Quais as implicações no espaço urbano? O ponto de vista destacado é apurado pela mídia em geral. Aliás, com o estímulo aos meios de transporte individuais, as políticas públicas praticamente determinam a instalação de um sistema que impede o florescimento dos transportes coletivos, com ressalva à nossa discordância quanto do fato dos carros serem negados “aos que dispõem de menos rendas”, conforme Santos (1988, p. 20):

Os transportes e as comunicações conheceram grandes avanços nos países subdesenvolvidos - por exemplo, os processos maiores são obtidos através do ônibus e do automóvel e os fluxos podem intensificar-se graças a sua maior flexibilidade, o que não podia ser alcançado com o trem, meio muito mais rígido e inflexível. A melhoria das estradas e dos veículos, o encontro de combustíveis mais baratos representam modernizações que permitem a diminuição dos custos. De modo geral, o preço do transporte aumenta menos que o dos demais fatores da produção e a redução do custo das viagens possibilitam às pessoas escolher onde adquirir bens e serviços, que freqüentemente vão buscar em lugares mais distantes, mas onde os preços

---

se que na maquete, os estacionamentos estão idealizados a leste e oeste da área em que está sendo construída a **Arena Multifuncional de Itaquera**.

<sup>6</sup> Em, FOLHA.COM. **Produção de veículos cresce 24% e bate recorde em fevereiro**, 2011. Disponível em... Ver Bibliografia. “A produção de veículos no Brasil bateu recorde em fevereiro, atingindo o melhor desempenho para o mês com a fabricação de 310.657 automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões. (...) De acordo com os dados divulgados nesta sexta-feira pela Anfavea (associação das montadoras), houve acréscimo de 18,7% no confronto com janeiro e de 24% ante igual intervalo no ano passado. No acumulado do ano (572.434 unidades), o aumento chegou a 15,3%”.

<sup>7</sup> Sobre o caráter metafísico da sociedade ao longo do desenvolvimento da humanidade, ver em, MARX, Karl. **O Capital**, 1996. “À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante, a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica”. (Op. cit., p. 197)

praticados oferecem maiores atrativos. Naturalmente, os que fazem essas viagens de consumação são os que dispõem de mobilidade. Essa mobilidade no território é, aliás, negada aos que dispõem de menos rendas.

### *Internet*

Ao lado da questão dos transportes enfatizadas no automóvel e concomitante a ótica acima apresentada aparece a internet. Sem esse dispositivo qualquer tentativa homogeneizante no que tange a um espaço mundial seria impensável, porque a rede pode compactar os fluxos de informação, com ou sem espaço concreto.

Para Bauman (1999, p. 69-70) em *Capitalismo Parasitário* sobre a internet:

É a quantidade das conexões, mas que sua qualidade, que faz a diferença entre as possibilidades de sucesso ou fracasso. Ela permite manter-se informado sobre a “última moda”- os sucessos mais ouvidos, as camisetas da moda, os mais recentes e comentados festivais, festas e eventos com pessoas famosas. Ao mesmo tempo ajuda a atualizar os conteúdos, a redistribuir os traços característicos no retrato do próprio Eu e a apagar rapidamente os traços do passado, os conteúdos e características já vergonhosamente ultrapassados.

A Revolução da Informática com a imaterialidade dos objetos e das relações sociais mediadas por ela modificou muito o conceito de virtual. Anteriormente concebia-se o virtual como uma possibilidade fora da realidade; hoje, contrariamente hoje, o universo virtual (a internet) já se torna uma realidade palpável e sem precedentes de crescimento e de consequente abrangência. O virtual é real e existe independentemente de quem a desconsidera como potencialidade a ser aferida. Na metrópole paulistana, praticamente todos os espaços que percorrem os circuitos das trocas e serviços são transplantados para a rede virtual.

Nas pesquisas feitas em Itaquera a respeito dessa questão, verificamos que o território do distrito está coberto por ela 24 horas por dia, tanto nas residências de alto padrão como nas moradias populares<sup>8</sup>. No SESC de Itaquera, (sobre qual falaremos logo adiante), a conexão virtual é oferecida gratuitamente com o nome de “SESC Itaquera Internet Livre”, em que se oferecem, mensalmente, programações em diferentes universos dentro do mundo *on-line*. Ali estão presentes os bancos e imobiliárias e outros pontos de comércio especializados,

---

<sup>8</sup> Lembremos a presença física de pontos comerciais em Itaquera especializados em acesso rápido e economicamente aceitável para padrões de baixa renda, como é o caso das *Lan Houses* e seu alastramento, sobretudo, no começo do século XXI (e mais enfaticamente nas regiões metropolitanas do país).

que contam com um fluxo financeiro de grande porte e que utilizam largamente o serviço como meio de produção e potencialização de lucros e giro mais constante do capital.



**FIGURAS 1 e 2:** Slogans ilustrativos do serviço aberto para população.

A internet tem importância nas transformações que ocorreram no cotidiano do país nas últimas décadas FIGURAS 1 e 2. Quando ela mesma, nas palavras do Bauman “(...) ajuda a atualizar os conteúdos”, isso significa transportar discursos dirigidos e necessidades direcionadas para um determinado fim, isto é, “(...) os sucessos mais ouvidos, as camisetas da moda, os mais recentes e comentados festivais, festas e eventos com pessoas famosas...”, enfim, um retrato de sua própria individualidade.

A própria imagem de Itaquera que a vincula a um local onde as diversas formas da mundialidade não estão presentes, está impressa no ideário popular ligado ao “atraso”<sup>9</sup>, discurso equivocado que aparece na FIGURA 3, até mesmo pela organização de um pólo mundial com o shopping-center, o Poupatempo, os terminais metroviário e ferroviário e a futura estrutura física do evento que despontou nosso estudo, reunidos numa centralidade de caráter estratégico no espaço, delineados politicamente para fins econômicos.

---

<sup>9</sup> Fato que veremos mais claramente no *item 1.1.* deste capítulo “A concepção centro-periferia que persiste em Itaquera”.



FIGURA 3: Maquete da área onde será construído o estádio em Itaquera para abertura da Copa de 2014 no Brasil. Note a proximidade geográfica das estruturas.

### *SESC Itaquera (distrito Parque do Carmo)*

O SESC Itaquera, de início, não está situado na FIGURA 3, estando ao sul (Escala 1: 3000). Não fazendo parte do distrito em si, mas da subprefeitura de Itaquera, no distrito Parque do Carmo, ao lado da Área de Preservação Ambiental (APA), que leva o mesmo nome.

As considerações serão feitas com base na pesquisa em Sociologia levada a cabo em Itaquera, como parte do estudo de Oliveira (2009), sem abordar sua perspectiva cultural na realidade urbana de Itaquera, mas, pelo fato da autora retratar a carência infraestrutural e de equipamentos sociais ligados ao lazer e a programações variadas, destinadas à sociedade (incluindo visitantes com base na inclusão social).

O SESC Itaquera constitui-se uma alternativa cotidiana aos moradores de Itaquera e dos distritos vizinhos, como os dos distritos de Sapopemba/Vila Prudente e São Mateus, ao sul da subprefeitura de Itaquera, e também internamente, nos distritos de José Bonifácio e Cidade Líder e do Parque do Carmo, que abrigam essa estrutura pública (componentes da subprefeitura de Itaquera).

Resumidamente, o SESC constitui-se uma administração regional do Estado subordinada pela administração em plano nacional. No entanto tem autonomia, se for considerada a demanda do lugar. De caráter fragmentado, conforme exigência de cada espaço, como coloca Oliveira (2009, p. 49):

Sustenta-se aqui que essa incorporação de questões relacionadas ao espaço à pauta do SESC – São Paulo pode ser explicada pelo enraizamento que a instituição tem no contexto urbano bastante peculiar no país – o da cidade de São Paulo – e isso parece estar bastante relacionado ao fato de a instituição ter incorporado tão fortemente as questões relacionadas ao espaço e à relação com a cidade em suas diretrizes institucionais.

O SESC em Itaquera foi planejado para se tornar um espaço diferente do encontrado na periferia na FOTO 1 como evidenciado em sua data de criação em 1992, momento em que a situação na Zona Leste se tornou preocupante, tendo em vista o rápido crescimento que alcançava índices numéricos negativos em relação aos índices nacionais e regionais.

Problemas sociais e, conseqüentemente, espaciais emergiram, evidenciados pela precariedade das instalações públicas como escolas, hospitais, bibliotecas, museus. É preciso levar em conta a bela história do distrito itaquerense, marcado por lutas pela terra e pelos direitos básicos de vida, e por tudo que esses momentos têm a oferecer às gerações de agora, assim como seu caráter de apropriação definitiva do solo urbano, com o uso não planejado. Assim, segundo Oliveira (2009, p. 151)<sup>10</sup>:

A unidade Itaquera, inaugurada em 1992, também foi concebida na chave de um centro campestre. No entanto, como uma funcionária de uma gerência da Administração Central do SESC – São Paulo apontou, naquele momento já estava presente no planejamento da unidade a preocupação em construir uma unidade SESC numa área periférica bastante carente de equipamentos culturais e de lazer.

---

<sup>10</sup> A autora continua sua explanação com o depoimento de uma funcionária. “(...) essa opção do SESC pelas periferias é para que a gente chegue nessas regiões em que há muitas comunidades (também do nosso público alvo, há muitos comerciários), que estão em pontos em que não existe praticamente nada. O grande centro cultural dessas localidades são Shoppings que só conseguem oferecer os produtos mais comerciais. (funcionária da Administração Central).” (Op. cit., p. 52)



**FOTO 1:** Imagem panorâmica do SESC Itaquera. Disponível em: <http://spcultural.com>.

Quanto ao público que frequenta esses espaços, há um problema, pois não existe regularidade no momento das pessoas que passam pelo local à procura de lazeres diversos. Um dos apontamentos feitos quanto público que o frequenta, Oliveira (2009, p. 168) esclarece que:

Há dois “tipos” de público: o público que frequenta a unidade de quarta à sexta feira e o público que frequenta a unidade aos finais de semana. Os primeiros consistem basicamente em adolescentes e crianças que visitam as unidades acompanhadas pela escola ou por instituições sociais que desenvolvem trabalhos. Segundo o funcionário entrevistado, o principal interesse desses grupos são as atividades de educação ambiental, bastante forte na unidade, ainda que os grupos escolares também se dirijam à unidade para fazer uso das quadras e piscinas. De fato, grande parte do público que se vê durante a semana no SESC Itaquera são crianças uniformizadas e educadores. Já o público dos finais de semana, segundo o funcionário entrevistado, é um “público mais espontâneo”, de famílias ou grupos de amigos que se dirigem à unidade para passas o dia e usufruir do espaço.

No que se refere ao nível de entendimento dos frequentadores sobre assuntos banais da metrópole, como o consumo de marcas, a mídia em geral (informações não pretensas), a autora, nas entrevistas no local, aponta a falta de hábitos culturais e disposição em discutir assuntos ligados ao dia-a-dia da sociedade e da própria cidade em que vive. Assinala adiante que este tipo de percepção “(...) provavelmente passa também pelas condições socioeconômicas do conjunto de entrevistados no SESC Itaquera, que são inferiores às do conjunto de entrevistados em outras unidades<sup>11</sup>” (p. 174).

<sup>11</sup> As outras unidades são os SESC Pinheiros e Pompéia, no qual, a autora também explicita.

## *Shopping Center Metrô Itaquera*

Para BOTELHO (2007, p. 33):

Ao mesmo tempo em que a distância em quilômetros entre os ricos e pobres diminui, a distância socioeconômica aumenta e as barreiras que impedem o convívio entre as distintas classes sociais tornam-se onipresentes nos Shopping-Centers, condomínios fechados e fortificados, nas áreas de lazer exclusivas para um determinado grupo social, etc. Tais empreendimentos, cada vez, possuem menos relação com seu entorno imediato, constituindo verdadeiras ilhas no urbano, que, com uma arquitetura bem característica e com uma padronização socioeconômica, exclui como usuários as camadas da população de rendimentos médios e baixos.

No distrito de Itaquera, talvez, o espaço que mais caracteriza um elemento materializado da mundialidade urbana é a instalação do Shopping-Center em seus limites. Esta sua caracterização proeminente se justifica pela própria realidade, em São Paulo, oposta à sua funcionalidade: as periferias que a rodeiam. Como Botelho coloca, “possuem menos relação com seu entorno imediato”. São realmente “ilhas no urbano”.

Os Shopping-Centers são monumentos de largos investimentos, assim como, arquitetura planejada e projetada compulsoriamente. Estrutura apoiada na ciência aplicada de ponta (engenharia, eletrônica, “cibernética<sup>12</sup>”, física e matemática etc.), a fim de conformar uma maximização de lucros, termina por se tornar uma centralidade. Segundo Baudrillard (1991, p. 100):

As cidades continuam a ser cidades, enquanto as cidades novas estão *satelizadas* pelo hipermercado ou pelo *shopping Center*, servidos por uma rede programada de trânsito, deixando de ser cidades para se tornarem aglomerações. Apareceu uma nova morfogênese, que depende do tipo cibernético (isto é, reproduzindo ao nível do território, do *habitat*, do trânsito, os cenários de comando molecular que são os do código genético), e cuja forma é nuclear e satelítica. O hipermercado como *núcleo*. A cidade, mesmo moderna, já não o absorve. É ele que estabelece uma órbita sobre a qual se move a aglomeração.

---

<sup>12</sup> Quanto ao cibernético e sua abrangência, ele se estende na sociedade, e, insere-se na sua organização, em sua relação interior. Ver LEFEBVRE, H. **A cotidiana no mundo moderno**, 1991. “A cibernética da sociedade corre o risco de produzir-se por este caminho: organização do território, instituição de vastos dispositivos eficazes, reconstituição de uma vida urbana de acordo com um modelo adequado (centros de decisão, circulação e informação a serviço do poder). (Op. cit., p. 73)

Os corredores desses espaços, pouco mostra o que há lá fora, a não ser a necessidade de consumo, o que faz do shopping-center um lugar de exceção, por exacerbar as trocas a ponto de reunir diversos signos do consumo em um espaço intensivo.

Os Shopping-Centers, no Brasil, garantem sua excelência pela grande especialidade de produtos técnicos e tecnológicos contido no seu interior e entorno, conforme se mostra na FOTO 2. É um espaço que chega a ser venerado, e cuja rotina vira modelo de vida para os que o visitam e frequentam, assim como para os que trabalham neles integralmente.



**FOTO 2:** Panorâmica do Shopping-Center Metrô Itaquera. Disponível em: [http://www.ancar.com.br/livesuite/shared\\_files/it/it6.jpg](http://www.ancar.com.br/livesuite/shared_files/it/it6.jpg)

Todos já ouvimos falar na rede mundial de fast food *MC Donald's*, que abarca franquias em todo mundo, e que varia minimamente em sua lógica e estrutura de funcionamento. Itaquera, desde a inauguração do Shopping Metrô Itaquera, recebeu uma cópia dessa franquia signo do consumo<sup>13</sup>. A matéria publicada em meio virtual no *O Estado de São Paulo*, a notícia espantou pelo significado que tem a rede de “fast food” e a localização geográfica e realidade histórica de Itaquera, que, no âmbito conceitual de *lugar*, se convergiram, divergindo no contexto mundial.

A loja da rede de *fast-food McDonald's* aberta em 1984 junto com o Shopping Center Norte, na zona norte de São Paulo, foi, por anos seguidos, uma das campeãs de vendas da marca em todo o mundo. Nos últimos meses,

<sup>13</sup> Empresa multinacional de influência hegemônica no ramo da alimentação em curto tempo.

no entanto, o crescente destaque da rede tem sido outra unidade paulistana: a loja da praça de alimentação do Shopping Metrô Itaquera, na zona leste. (...) Apesar de pequena, se comparada às unidades do *McDonald's* de outros shoppings ou às lojas de rua (tem 150 metros quadrados, enquanto a média das outras fica entre 250 e 300 metros), a unidade do Shopping Metrô Itaquera recebeu, no ano passado, 2,3 milhões de consumidores. Só no mês de dezembro, quase 370 mil clientes passaram pelo restaurante. Os números superam o fluxo de pessoas que passam por todas as outras lojas dos países da América Latina administradas pela empresa Arcos Dourados, detentora da marca na região. E detém a 22.<sup>a</sup> posição no ranking mundial de clientes entre as 32 mil lojas da marca. As vendas em 2009 foram de US\$ 8,7 milhões.<sup>14</sup>

De acordo com a matéria do jornal, veja que além desta rede de alimentos rápidos ter faturado na ordem dos bilhões (em reais) no Brasil e milhões em Itaquera em 2009, esta constatação deve-se pela atração das classes médias e média baixa, exatamente os estratos sociais que predominam em Itaquera. Assim Debord (2003, p. 111-112) assinala que:

Pela primeira vez, aquela nova arquitetura que no passado era reservada à satisfação das classes dominantes, encontra-se diretamente destinada *aos pobres*. A miséria formal e a extensão gigantesca desta nova experiência de *habitat* provêm em conjunto do seu caráter *de massa*, que está implícito, ao mesmo tempo, na sua destinação e pelas condições modernas de construção.

Os espaços que abrigam formas urbanas só se estabelecem sobrepostos a partir de formas e fluxos materiais já estabelecidos. O urbano que se aproxima existe como extensão, fruto da reorganização recente do capital de precedentes bem definidos, em alguns pontos nas periferias como Itaquera e, agora, direcionado à produção de espaços como lógica estratégica para mais-valia ampliada.

---

<sup>14</sup> Ver, *O Estado de São Paulo*. **Em Itaquera, um “McDonald's” campeão de venda**, 2010. Disponível em... Ver Bibliografia. “Ascensão. Os benefícios que a rede, que faturou R\$ 3,45 bilhões no Brasil no ano passado, vem obtendo com a ascensão da classe C no País não se restringem a regiões periféricas de grandes cidades. A empresa tem optado também por se instalar em municípios cada vez menores, que têm visto a economia crescer diante do aumento do emprego e da renda. ‘Antes, nosso foco eram cidades com pelo menos 150 mil habitantes. Mas, recentemente, chegamos a Atibaia, no interior de São Paulo, por exemplo, que tem 126 mil’, exemplifica Oliveira Júnior”.



**MAPA 1:** Espacialização a partir de uma montagem sobre a localização dos Shoppings Center na região metropolitana de São Paulo; note em como estes espaços de consumo estão alinhados com as vias de comunicação viárias. Fonte: Google Earth, 2011.

Uma rápida panorâmica geográfica da localização dos shopping-centers na região metropolitana paulistana, no MAPA 1, indica uma situação clara: do oeste em direção a leste o shopping de Itaquera está no limite alcançado por essas formas mundializantes, que não só abrigam lojas de roupas, lazeres diversos e pontos de alimentação; porém, indissociavelmente, uma vasta rede financeira alicerçada em bancos com seus slogans transformados em marcas valiosas de consumo. São centros de consumo e de especulação financeira.<sup>15</sup>

O planejamento e construção dos shopping-centers demandam uma grande disponibilidade de recursos e investimentos para atuar no espaço, e o poder aquisitivo da populacional até certo ponto grande (isso adequado aos grandes estabelecimentos varejistas de hoje). Pintaudi (1989, p. 95) interroga:

A existência de um certo contingente populacional e um certo nível de rendimento para que se encontre um Shopping-Center instalado ou por se instalar parece uma explicação razoável do ponto de vista da estratégia da localização e, por que não dizer, até mesmo racional?

Os Shopping-Centers fazem parte de uma ordem, ou como a autora interroga, de uma atitude “racional”? Eles, sem dúvida, são demandados para suprir a condição de

<sup>15</sup> Queremos alertar que a adequação da escala do mapa, em essência ao Software incluiu outras vias importantes que não estão presentes nesta resolução: sinceras desculpas quanto a isso.

reprodução de uma lógica específica. O comércio e consumo neles amplificados é a materialização dessa ordem de ações, ora de agentes públicos como já estabelecido pela sua historização efetivada no Brasil ora pela iniciativa privada, que realmente, da “vida” a esses monumentos espaciais, atribuindo a eles uma centralidade urbana que facilita os *encontros* entre consumidores e aspirantes desse consumo.

## 1.1. A concepção centro-periferia que persiste em Itaquera.

Hoje, a cada dia, 2,5 milhões de carros saem das periferias da capital paulistana em direção ao centro.

O centro histórico ainda é forte se tomado em suas proporções sem precedentes a partir de sua explosão e implosão, assim como pelo direcionamento das ditas “novas centralidades do urbano” e das “novas produções”.

A formação de Itaquera- que olharemos mais de perto no segundo capítulo-, sua razão de existir, deve-se a sua condição de abrigar moradores. Constitui-se um verdadeiro “bairro dormitório”: nome usualmente dado a diferentes direções a partir do centro paulistano, de intensa densidade populacional, que reserva, também, uma força de trabalho.

O resultado do dinamismo materializa-se mais no espaço. O deslocamento das regiões do centro para suas adjacências transparece na problemática que perdura nas vias públicas, como é o caso dos grandes congestionamentos nas marginais e avenidas principais.

Com Moraes (2006, p. 27) elucidamos mais claramente o contexto configurado acima:

São Paulo é uma metrópole coadjuvante na economia-mundo capitalista. Uma aglomeração sem sentido, se desconectada, sobretudo, de seus laços nacionais. (...) Assim, os fragmentos espaciais da hipermodernidade presentes no tecido da metrópole paulistana não devem iludir quanto aos traços mais marcantes da ambiência dominante: os circuitos inferiores são mais extensos e numerosos. Como espaço singular (isto é, em uma avaliação interna do espaço metropolitano), como toda expressão da modernização na periferia, a metrópole é um projeto que consegue se objetivar apenas em partes eleitas circunscritas na abrangência física da grande aglomeração populacional, na qual significativa parcela pode ser considerada não-metropolitana, dadas suas ínfimas relações com as funções específicas qualificadoras da definição extrapopulacional da metrópole. Com certa ironia, poder-se-ia qualificar tal parcela como a não-metrópole inserida no espaço metropolitano de São Paulo.

Os centros mundiais de compras, como os Shopping-Centers, centros públicos de lazer e entretenimento, como o SESC em Itaquera, são projetos oriundos da lógica da metrópole, de modo que “(...) consegue se objetivar apenas em partes eleitas”, isto é, tem-se um limite de abrangência até mesmo pela dimensão geográfica e os contrastes únicos, internos na capital, em lugares diferenciados. Esses espaços programados comportam sua própria realidade e adaptam a sociedade que vive cotidianamente a realidade com a

disponibilização e utilização dos serviços. Eles moldam costumes, gostos e necessidades que podem ser lidos pelo pesquisador, por exemplo, pelo viés dos signos.

Porém, “significativa parcela pode ser considerada não metropolitana dada suas ínfimas relações com as funções específicas qualificadoras da definição extrapopulacional da metrópole”.

Ainda Moraes (2006), no último parágrafo de seu trabalho, evidencia São Paulo como exemplo da realidade que estamos descrevendo em Itaquera “(...) uma metrópole da periferia” e já sabido “uma metrópole brasileira”. Embora, poderíamos colocar o enredo de forma diferente para a metrópole: *uma metrópole da periferia, a metrópole brasileira*<sup>16</sup>, que por ser propriamente desta nacionalidade, guarda visceralmente a *perifização*.

A partir da Lei Federal n.º 10.257/2001 foram elaborados os princípios de conduta da sociedade a respeito do uso do solo urbano pelo Estatuto da Cidade<sup>17</sup>. É urgente para a sociedade essa regulamentação, principalmente nas periferias paulistanas. Postulado conscientemente por Damiani (2005, p. 41), a periferia “(...) é, de alguma forma, provisória, considerando o tempo de reprodução histórica dessa formação social”, fato que está materializado; dificuldade de obter uma regularização fundiária nestes terrenos<sup>18</sup> que “(...) pode significar um impasse à mobilização da propriedade, características necessárias da capitalização do urbano. Isto é, os investimentos imobiliários, viários, produtivos, incluem uma reconfiguração constante do urbano na metrópole”.

Sobre essa ótica, faremos algumas considerações a respeito da ocupação do solo urbano e o uso para a população economicamente desprivilegiada, enquadrando os conjuntos habitacionais “produzidos na atuação padrão das empresas produtoras COHAB-SP e CDHU” Nogueira (2006, p. 381).

---

<sup>16</sup> Grifo nosso.

<sup>17</sup> O Estatuto da Cidade regulamenta os Arts. 182 e 183 da CF/88 estabelecendo diretrizes gerais da Política Urbana, estabelecendo “normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental” (parágrafo único do art 1º da Lei 10.257/01). GALLO (Políticas Públicas e regularização fundiária)

<sup>18</sup> Em, Rodrigues (*apud* FARIA, CALIXTO, 2008) “A terra é, também, uma espécie de capital, que está sempre valorizando. É, na verdade, um falso capital, porque é valor que se valoriza, mas a origem de sua valorização não é a atividade produtiva, inverte-se capital – dinheiro em terra e ‘espera-se’ a valorização. É um valor que se valoriza pela monopolização do acesso”. (Op. cit., p. 126)

### 1.1.1. Moradias no distrito.

A inserção das formas mundiais, precisa não só de um espaço adaptado para sua materialização, mas também de um aparato urbano potencializado, para que haja um fluxo contínuo dos consumidores, estes, que partem de localidades próximas ou distantes. Nesse pandemônio de relações há uma rivalidade entre as formas de comércio de produtos e de moradias populares, sendo o segundo dirigido para a lógica do consumo, tornando-se verdadeiros empecilhos na produção de moradias populares (por exemplo), o que, na modernidade vivida na periferia em São Paulo, são exponenciadas, adquirindo “rosto” na Geografia Urbana Crítica da metrópole.

Já fizemos referência dos agentes transformadores; agora nos deteremos na análise, ao núcleo dos que permanecem historicamente e absorvem todas as mudanças, sem que suas próprias condições sofram alterações em relação à qualidade de vida. São os moradores dos conjuntos habitacionais, que não podem escolher uma arquitetura própria (criada por esse tipo de profissional) para sua moradia, estando à mercê de empresas que fazem o serviço de forma massificada.

A questão das moradias no distrito tem grande relevância para esta análise, tendo em vista que Itaquera convive com essa realidade. Assim, faremos uma passagem neste primeiro capítulo e posteriormente, no segundo capítulo, abarcaremos mais uma vez a discussão despontada agora, mas, porém, neste “posteriormente”, fazer um regresso nesta realidade. Estão relacionados os conjuntos habitacionais COHAB-SP e CDHU. Em Nogueira (2006, p. 381):

A principal função das empresas promotoras é a de contratar empresas para preparar o terreno e realizar as obras, além de acompanhar o serviço desta. Nesse sentido seu instrumento de trabalho fundamental é um projeto de implantação, e uma das funções básicas desse projeto é a divisão do terreno em lotes, para poder organizar as concorrências. O projeto de implantação consiste na localização dos equipamentos sociais e a da infra-estrutura. Os espaços externos que constituem as áreas coletivas de cada (sub) conjunto são definidas pelo espaço que sobre entre os blocos tipo e o sistema viário.

São casas e apartamentos planejados para as funções básicas dos moradores, com uma lógica que serve para apropriação e, seguida, lucratividade do espaço pelas empresas que entram na concorrência para levantamento dos conjuntos.

A planificação do espaço nesse sentido é nítida, até mesmo, pela sua interligação com o “sistema viário”, facilitador, tanto da mobilidade quanto de uma futura política de reorganização, caso haja interesse das esferas pública e privada.

Isto ocasiona, no plano da sociabilidade destes agrupamentos sociais, o que a autora vai chamar de ausência de “encontros”, pois esses espaços não são pensados para oferecer uma integração cotidiana entre as pessoas, ficando a relação entre elas colocada para além dos muros, sem equacionamento na planta do projeto.

Esses espaços que possibilitam o encontro são de grande importância para a formação social das pessoas, principalmente para as crianças como coloca Nogueira (2006, p. 384), que admite, ainda, a necessidade de se pensar espaços coletivos como espaço que possibilite “(...) alguma atividade em comum para esses moradores”:

O espaço coletivo é espaço de encontros, mas, em geral, quem aproveita melhor são as crianças, os adolescentes e os jovens. Proporcionar possibilidades de encontros e de prática de alguma atividade em comum para esses moradores é, talvez, a função mais importante entre as que têm sido desenvolvidas nos espaços coletivos.

## 1.2. Descrição da problemática na “área” da Copa e eventos anteriores já materializados no espaço.

No primeiro capítulo, tivemos uma aproximação com a realidade em Itaquera, as transformações do espaço redimensionando o urbano, principalmente numa metrópole como a paulistana.

Para os brasileiros que aguardavam essa oportunidade, ela chegou! O século XXI veio e trouxe a notícia da Copa do Mundo no Brasil em 2014. O Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2014, evento com as características de que a mundialidade se reveste hoje. O acontecimento se dará em cadeia nacional, a ser realizado em todas as grandes regiões administrativas do país, contando com profundas transformações espaciais que já estão apresentando alguns precedentes no plano social, em locais que abrigarão os eventos. Obviamente estamos no “país do futebol”, e os meios de comunicação de massa buscam exaustivamente esse enfoque, como fato cultural, tornado mercadoria especulativa.

Em Itaquera não foi diferente, o entusiasmo e a apreensão quanto à chegada de novos investimentos percorre o ideário dos residentes<sup>19</sup>

A mesma nação que se une diante do futebol, diverge quando se trata de desigualdades sociais, que, seguido nosso enfoque, são também espaciais<sup>20</sup>.

O Estado mais próspero do país abriga o maior centro urbano brasileiro, que é a metrópole paulistana. Quando nos referimos a números, ficamos impressionados com contabilidade deles. O Estado é e ainda será por muito tempo, motor do capitalismo no Brasil.

---

<sup>19</sup> Em, O ESTADO DE SÃO PAULO. **Itaquera espera, em 3 anos, crescer duas décadas**, 2010. Disponibilizado em... Ver Bibliografia. “Nos próximos três anos, empresários, pequenos comerciantes e associações de moradores esperam presenciar o que não viram acontecer na região em duas décadas. E a mobilização para garantir a “chance histórica” de melhorias já começou. Com 525 mil habitantes, uma população maior que a de Santos - que tem 418 mil moradores -, Itaquera quer aproveitar a construção do estádio corintiano para alavancar obras planejadas nas últimas quatro gestões de prefeitos e governadores. ‘Mas só o estádio não vai adiantar nada. Se o governo não fizer a requalificação do sistema viário para integrar de vez a nossa região ao centro e às rodovias, as empresas não vão chegar. E pior: o trânsito bom que ainda temos vai virar um inferno em dias de jogos’, alerta Eduardo Pinheiro, de 56 anos, presidente da Associação de Moradores do bairro 15 de Novembro”.

<sup>20</sup> Em, CONTANDOITAQUERA.BLOGSPOT.COM. **Esperança e medo**, 2011. Disponível em... Ver Bibliografia. “Moradores da antiga estrada da região, a poucos metros do terreno em que será construído o *Fielzão*, sonham com a chance de ter o Corinthians jogando ali. Mas temem desapropriações por causa da Copa de 2014 (...) Para as cerca de mil pessoas que residem no trecho antigamente chamado de Estrada de Itaquera, a expectativa se mistura ao medo. O local fica a poucos metros do terreno onde a partir de março será construído o *Fielzão*, local da abertura da Copa”.

Todavia, contém em seu interior- fruto das relações conflitantes da produção-, desigualdades sociais e espaciais, como é o caso do distrito de Itaquera, na Zona Leste.



FIGURA 4: As subprefeituras que compõem a chamada Zona Leste paulistana. Disponível em: <http://www.guialeste.com.br/mapa-zona-leste.shtm>.

Na figura acima, estão representadas as subprefeituras da Zona Leste de São Paulo. O distrito de Itaquera está ao norte dos limites representados pela subprefeitura da qual faz parte. Os pequenos pontos pretos, que estão localizados no distrito em questão, compreendem a Cidade A. E. Carvalho<sup>21</sup> e a Estação Corinthians-Itaquera, e estão praticamente numa posição central (note a existência de 11 subprefeituras, e descritos internamente em pontos pretos, locais importantes).

Contudo, um dos pontos que podemos discutir no apresentado pela figura é, por meio de uma perspectiva geográfica, partindo, inicialmente, do centro para o leste. O modo como está composta a figura acima requer observação, pois não se pode conceber a Zona Leste e, conseqüentemente, Itaquera como uma centralidade, em relação apenas à sua localização no perimetral da Zona Leste, como são as estratégias municipais na região.

<sup>21</sup> Em, AVERSAN, Debora Regina. **Em busca de um lugar na metrópole: Cotidiano e vivências na Cidade A. E. Carvalho**, 2008. “A Cidade Antônio Estevão de Carvalho – Cidade A.E. Carvalho foi formada na primeira metade do século XX, entre o final da década de 1940 e início da década de 1950, através de um empreendimento imobiliário do Banco A.E. Carvalho, que no ano de 1943 começou a comprar antigas chácaras e terrenos na Zona Leste da cidade de São Paulo, com o objetivo de realizar um loteamento voltado para a população de baixa renda”. (Op. cit., p. 36)

O que há de novo em uma metrópole onde tudo pode estar acontecendo, formando-se e moldando-se a cada segundo, sob uma lógica estrita que suprime o valor de uso, e realiza-se como mais-valia, reproduzindo, assim, o social?

As contradições que se revelaram no local direcionam implicações advindas do mundial. Com a Copa do Mundo e a instalação de uma infraestrutura adequada, em alguns locais, a mundialidade se sobreporá à globalidade na ampliação do capital? O fenômeno da **mundialização** prossegue como extensão da **globalização**, como expressão da modernização na sociedade capitalista.

### 1.3. Descrição de alguns agentes nas metamorfoses do espaço.

Segundo CARLOS (2005, p. 36):

(...) Mas a “produção de um novo espaço” é apenas aparente, trata-se antes, do momento em que o espaço, produzido no momento histórico atual, é completamente transformado em função das novas estratégias impostas pela comunidade do processo econômico-financeiro sob a égide da modernização, apoiada em um amplo desenvolvimento técnico e acompanhada pela flexibilização e pelo deslocamento dos setores produtivos no espaço metropolitano, cria uma nova hierarquia dos lugares, na qual a centralidade, potencializada, expande-se espacialmente. Assim a reprodução econômica realiza-se por meio da reprodução espacial.

O novo espaço em Itaquera para a Copa do Mundo inevitavelmente será erguido com a participação do poderes público, representado pelo poder municipal e estadual, com os bancos nacionais como o BNDES; de outro o poder privado, com entre as empreiteiras, representadas principalmente pela construtora ODEBRECHT, do mesmo modo, que as imobiliárias, que foram as primeiras a sofrer abalos<sup>22</sup> com o advento da construção do estádio.

Num quadro mundial temos, ainda, as marcas publicitárias que investem no evento para alavancar seus produtos. Essas marcas são signos da sociedade mundial, à frente para a promoção da Copa do Mundo como negócio rentável.

Sobre os casos já confirmados do evento que expusemos anteriormente ressaltamos a Federação Internacional de Futebol (FIFA) que faz algumas exigências que devem ser estritamente cumpridas, tanto no que se referem aos investimentos nos estádios quanto às mudanças no espaço urbano no entorno, as obras viárias de remoção de habitantes em áreas próximas.

A empresa mais interessada na execução e andamento estrutural do empreendimento é, sem dúvida, o clube esportivo que terá como “seu” o mando dos eventos e os lucros que virão da empreitada: a empresa e clube Sociedade Esportiva Corinthians, alvo de algumas considerações, posto que gerencia muitas das operações, inclusive o incentivo à espoliação do espaço itaquerenense, tendo em vista planos estabelecidos de lucratividade almejada extraída de seus próprios torcedores. Essa é uma prática comum no futebol nacional, porém mais difundida no europeu.

---

<sup>22</sup> Destacaremos melhor no item posterior de nosso estudo 3.2. Os primeiros a chegar: Especulação imobiliária ao prenuncio do evento.

Na medida em que retrocedemos na história do espaço itaquerense, observamos que os poderes públicos não acompanharam as rápidas mudanças ocorridas no espaço em Itaquera e tampouco acompanhou as metamorfoses espaciais enraizadas no entorno da área do evento. As investidas de empreiteiras, imobiliárias e bancos, acompanharam crescentemente os investimentos públicos e impuseram sua atuação para redefinir os usos de espaço e expandir as possibilidades de apropriação.

Mesmo ainda sem respostas, podemos apontar, pelo menos, o empenho e a mobilização política e econômica que está ocorrendo, a partir das esferas públicas e privadas, numa relação comum hoje em dia. Quando se realizam grandes obras estruturais como aquela de que estamos tratando, há mobilidade urbana correspondente.

### *A Odebrecht<sup>23</sup> construtora*

A Odebrecht, não está apenas no ramo de construção, como é mais comumente divulgado. Ela tem negócios nos mais variados ramos (química, petroquímica, óleo, gás, álcool, açúcar, engenharia e engenharia ambiental). Na construção de estruturas para o evento (similares ao que estamos tratando), a empresa possui larga experiência estando envolvida em diversos outros projetos arquitetônicos dessa espécie, evidenciados em distintos países como Portugal, Estados Unidos. De participação continental, nas três Américas, África, Ásia, Europa e Oriente Médio, participando de diversas ações junto ao Estado, como o caso da construção de casas populares.

The Maracanã (Rio de Janeiro) remodeling project fits within the first mode and the Fonte Nova (Bahia) and World Cup City (Pernambuco) Arenas fit into the second. Odebrecht was responsible for concluding the João Havelange Olympic Stadium (Engenhão) in record time, allowing for its use during the Rio de Janeiro Pan American Games. The Company also participated in the previous remodeling work for Maracanã, in order to adapt it for use during these same games. In the United States, Odebrecht built the American Airlines Arena, home of the Miami Heat basketball team, as well as the highly modern installations of the Florida International University (FIU) football field. In Portugal, Bento Pedrosa Construções, the Odebrecht Organization's Portuguese company, constructed the Estoril Speedway.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> A “Odebrecht Infraestrutura is the Odebrecht Organization Company in Brazil responsible for the engineering and construction activities in the infrastructure area, in addition to investments and management in transport and logistics concessions”. ODEBRECHT.COM. **Corinthians and Odebrecht Establish Alliance to Build Stadium**, 2010. Disponível em... Ver bibliografia.

<sup>24</sup> ODEBRECHT.COM. **Corinthians and Odebrecht Establish Alliance to Build Stadium**, 2010. Disponível em... Ver bibliografia.

## *Banco Nacional de Desenvolvimento Social*

O Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), como representante maior da esfera pública é quem repassará o dinheiro necessário para a construção que ficará ao encargo da construtora Odebrecht.

Essas atribuições financeiras e seu acionamento estão colocados em seu estatuto, regulamentado pela Lei N<sup>o</sup> 5.662, de 21 de Junho de 1971. No que concerne o Capítulo III “Das Operações” § 1<sup>o</sup> do Art. 8<sup>o</sup> que:

§ 1<sup>o</sup> Nas operações de que trata este artigo e em sua contratação, o BNDES poderá atuar como agente da União, de Estados e de Municípios, assim como de entidades autárquicas, empresas públicas, sociedade de economia mista, fundações públicas e organizações privadas.

As construções na área em Itaquera estão sofrendo inicialmente, diversos impasses, que somam reuniões com diversos grupos relacionados, encadeados pela Odebrecht, Estado e dirigentes esportivos interessados<sup>25</sup>, mas optou-se:

... pelo bom senso e decidiu por Itaquera, onde a arena será edificada pela Odebrecht Engenharia e Construção, ao custo de R\$ 335 milhões, com dinheiro financiado pelo BNDES - Banco Nacional do Desenvolvimento. A construtora terá lucro sobre a construção. Nos cálculos dos dirigentes, o nome da arena (**namimg rights**) vale aproximadamente R\$ 35 milhões. Outros R\$ 100 milhões seriam arrecadados com o aluguel de camarotes, cadeiras cativas, restaurantes e estacionamentos. Terá capacidade para 48 mil lugares, expandida posteriormente.<sup>26</sup>

Apesar de a empresa ter admitido financiar todos os gastos, alguns problemas imediatos já foram apontados por estudos preliminares da construtora, como a passagem do oleoduto da Petrobrás que, inicialmente, se pronunciou e desconsiderou a possibilidade de intervir imediatamente sobre esse oleoduto, com o argumento que só em 2014, de fato, seriam feitas as obras de desvio dessa tubulação inflamável e de alto risco.

---

<sup>25</sup> A área de Itaquera onde fica o terreno do Corinthians possui 197 mil metros quadrados e foi concedida pelo prazo de 90 anos ao clube, em 9 de setembro de 1988, através da lei 10.622. Desde então muitas discussões em torno do uso socialmente correto do terreno tomaram conta das rodas sociais do bairro. Nos últimos três meses, empresários, lideranças comunitárias e membros de entidades se uniram num grupo forte para solucionar o impasse criado em torno da decisão da diretoria do clube quanto à construção do estádio. Eles forçaram a decisão por Itaquera ou, diante de uma negativa, pediriam a retomada da área do clube para que fosse mais aproveitada.

<sup>26</sup> Em NOTÍCIAS ITAQUERA.COM. **Corinthians coloca Itaquera no milionário mapa mundial do futebol**, 2010. Disponível em... Ver bibliografia.

O que indagamos em verdade é se o evento Copa do Mundo colocará o espaço de Itaquera no mapa mundial.

Essa, ao que parece, é a estratégia que se espera concretizar ao longo das metamorfoses, pois, desde início, já se especulava sobre a vontade como apresentado em matéria publicada com o título *Corinthians coloca Itaquera no milionário mapa mundial do futebol*. Este tipo de informação é equivocado já que acontecimentos decorrentes se juntam com as intenções de variados setores, e não só de clubes esportivos. A verdadeira pergunta que essa matéria deveria suscitar é: Estado e os agentes privados interessados colocarão Itaquera no mapa mundial do consumo?<sup>27</sup>

Estavam por lá toda a imprensa, o prefeito Gilberto Kassab, o governador Alberto Goldman, o presidente da Federação Paulista de Futebol, Marco Pólo Del Nero; o subprefeito de Itaquera, Roberto Tamura, dois vereadores e secretários dos governos municipais e estaduais.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Grifo Nosso.

<sup>28</sup> Em, NOTICIASITAQUERA.COM. **Corinthians coloca Itaquera no milionário mapa mundial do futebol...**

#### 1.4. Os primeiros a chegar: especulação imobiliária com o prenúncio do evento.

Em meados de 2010, no dia 31 de Agosto, foi anunciada a construção do estádio paulistano, que oficialmente abrigará vários jogos da Copa do Mundo em 2014. O fato que nos interessa se dá com todo o desarranjo na especulação imobiliária materializada em Itaquera. Este fato ocorreu praticamente dias depois do anúncio da materialização definitiva do evento no distrito de Itaquera, revelando o processo de financeirização do espaço, que, através do setor imobiliário, desponta nas periferias paulistanas essencialmente em Itaquera.

A mídia retratou o fato como acontecimento espantoso, porém, aqui, será tratado como uma trivialidade do capital atual, a relação entre o espaço das moradias populares e o alargamento da lógica financeira.

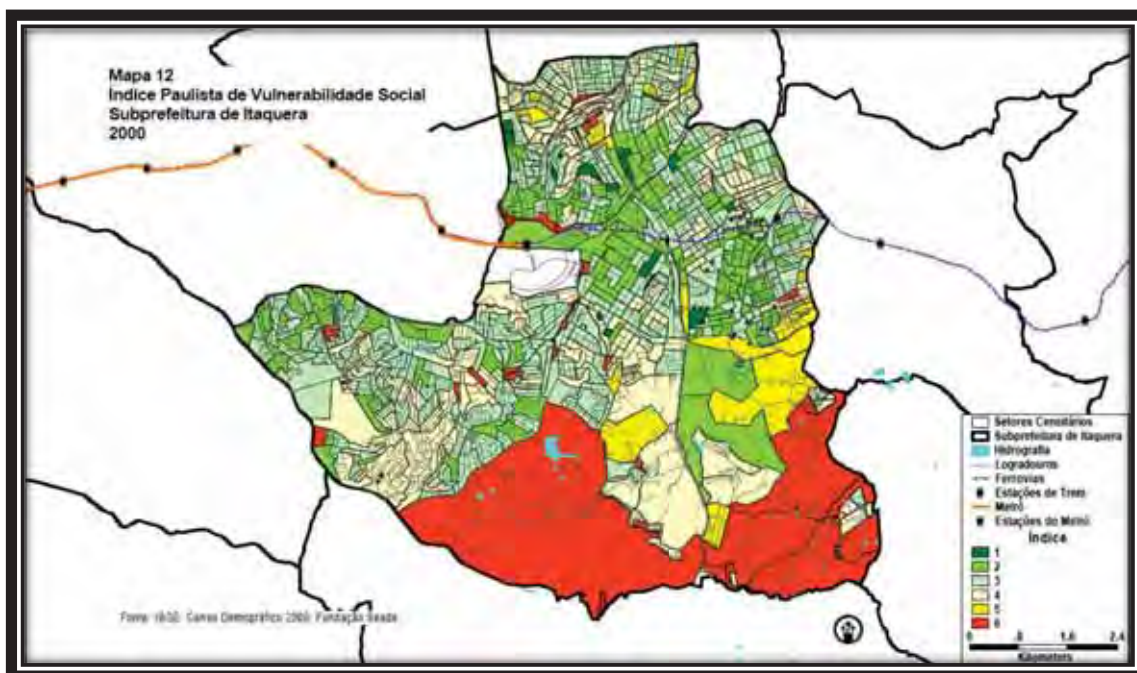
No portal eletrônico *O ESTADO DE SÃO PAULO*:

A informação é do diretor de assuntos urbanísticos do Sindicato da Habitação (Secovi-SP), o arquiteto Eduardo Della Manna. Ele se diz favorável à construção do estádio na região. "Temos que fortalecer novas centralidades na cidade de São Paulo. A solução passa pela zona leste". A especulação imobiliária atual em torno da questão, diz ele, é "natural". Segundo ele, "apenas o estádio não vai resolver os problemas do bairro", mas o projeto deve ser usado como um novo pólo de desenvolvimento para a região.<sup>29</sup>

O Indicador Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) mede o grau de desenvolvimento econômico e social do município. Entretanto, é importante ressaltar que esse indicador não tem a capacidade de medir o grau de equidade e pobreza entre os distritos do estado de São Paulo, pois, encontram-se, no interior de cada distrito, diferentes cenários de desenvolvimento. Dessa forma, entende-se esse local como periferia ou zona de exclusão, por não ter o aparato infraestrutural básico para realização de atividades mais simples para sobrevivência, condições para realização básica do trabalho.

---

<sup>29</sup> Em, O ESTADO DE SÃO PAULO. **Preço do metro quadrado em Itaquera aumentou 13,5% neste ano**, 2010. Disponível em... Ver Bibliografia.



**FIGURA 5** Índice Paulista de Vulnerabilidade Social mostrando a subprefeitura de Itaquera. Resumidamente, distritos de Itaquera (ao norte), José Bonifácio (porção sudeste), Parque do Carmo (ao sul) e Cidade Líder (ao oeste).

Compreendendo o mapa de Vulnerabilidade Social na FIGURA 5, no centro da figura (em branco), abaixo do terminal metroviário e ferroviário da CPTM em Itaquera, está localizada a extensa área que será abrangida pelas transformações.

No entorno desse espaço que já dispõe de estruturas formalizadas atuantes como o shopping-center, como mostrado anteriormente, e o Poupatempo, que mencionamos ao longo da explanação, os índices 2 e 3 consecutivamente, aparecem mais visíveis, compreendendo, principalmente, os bairros Cidade Antonio Estevão de Carvalho e, à direita, a Vila Carmozina (espaço histórico de Itaquera).

As transformações imobiliárias atingirão, especialmente, esse entorno. Mas, se repararmos bem no local assinalado, existem alguns pontos que, no índice, estão representadas como pertencentes ao nível 6. Aparentemente forma-e um **arco de pobreza**<sup>30</sup> ao redor desse espaço.

<sup>30</sup> Grifo nosso.



O mapa acima mostra: em amarelo, as favelas; em rosa, estão as ZEIS<sup>31</sup> (Zonas Especiais de Interesse Social que, apesar do dito “interesse” revelado na sua nomenclatura, mostra o desinteresse pela presença de favelas ao sul e a oeste da área, conforme apresentação na figura; em laranja, os loteamentos como os da Cidade A. E de Carvalho (Glebas 1, 2 e 3) e, em cinza, estão os representados empreendimentos imobiliários como Coiti (dentro dos limites do loteamento), no centro do mapa; e Jardim Amaral a noroeste.

Na área em amarelo está o “arco de pobreza”, mencionado acima, que consiste, essencialmente, de favelas. Elas surgiram devido ao vazio urbano dessa localidade de Itaquera, que propiciou o aparecimento de edificações sem a intervenção imediata da prefeitura. Agora, com a construção da estrutura multifuncional, esses espaços juridicamente impróprios, serão alvo de desapropriações.

Consiste o referido **arco de pobreza** em relação ao espaço pretendente à mundialização os precários conjuntos Favela da Paz e Miguel Inácio Curi I (a leste); Cambaxirra, Manoel Ribas e Cidade A. E de Carvalho (parte dela, ao norte); Dejanira e São José Barroca (a oeste) e, ao sul, Francisco Munhoz Filho (nome ausente na figura acima) e Pedreira I. Esses espaços deverão necessariamente ser revalorizados, e as famílias residentes nos locais serão expropriadas e realocadas em outros pontos.

O que não sabemos dado o tempo histórico em que este estudo está sendo feito é: Para onde esses seres humanos irão? Os acontecimentos que se materializaram na África do Sul com o advento da Copa do Mundo (expostos anteriormente) naquele país e naquela época, talvez, possam ser um indicativo do que ocorrerá em Itaquera. Assim, Lefèbvre (*apud* Miele, 2008, p.9), interroga e responde:

Como um espaço pode ser ao mesmo tempo homogêneo e quebrado? Não seria um absurdo, uma impossibilidade? Não. Este espaço é homogêneo porque tudo é equivalente, permutável, intercambiável. Este espaço é quebrado porque é tratado por lotes e parcelas.

Continuando:

Quinze dias depois do anúncio oficial, a construção do futuro estádio do Corinthians em Itaquera, zona leste paulistana, possível palco de abertura da Copa-2014, já provoca um forte efeito colateral no bairro: a paralisação quase total das transações imobiliárias. (...) Esperando uma supervalorização do bairro a ser trazida pela arena corintiana, muitos proprietários não querem

---

<sup>31</sup> No Plano Diretor do município de São Paulo oficializado de 2002, as Zonas de Interesse Social (ZEIS), no *Art. 171* é exposto que: “As Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS são porções do território destinadas, prioritariamente, à recuperação urbanística, à regularização fundiária e produção de Habitações de Interesse Social – HIS ou do Mercado Popular - HMP definidos nos incisos XIII e XIV do artigo 146 desta lei, incluindo a recuperação de imóveis degradados, a provisão de equipamentos sociais e culturais, espaços públicos, serviço e comércio de caráter local...”

mais vender seus imóveis, ou estão pedindo valores bem mais altos - um apartamento no único condomínio cujo terreno faz divisa com os limites do estádio, que era negociado por R\$ 80 mil no início do ano, hoje custa R\$ 130 mil, ou 62% a mais. Por causa dos altos preços e da escassez de oferta, o interesse dos compradores também diminuiu.<sup>32</sup>

O discurso dos especialistas relacionados ao setor imobiliário, que são os próprios donos das imobiliárias confirma o fato especulatório, como Marcelo de Jesus Fernandes, dono da imobiliária *Almar*, que atua em Itaquera. Ele explica: que “(...) em janeiro comprei por R\$ 100 mil e vendi em julho por R\$ 140 mil. Agora, no mesmo prédio, estão pedindo R\$ 180 mil. E não vai vender, porque na Vila Matilde se compra pelo mesmo preço um apartamento com o dobro do tamanho<sup>33</sup>”.

Também, Cláudia Santorsula, da corretora de imóveis da *Renascer* (uma das mais antigas imobiliárias de Itaquera), diz que:

... os apartamentos da Cohab- localizados bem ao lado de onde será erguido o estádio-, antes vendidos a 95.000 reais, agora estão custando 135.000 reais. Casas em condomínios fechados avaliadas em 150.000 reais subiram para 230.000 reais. “O problema é que a renda da população ainda não acompanhou a valorização”, observa Cláudia. “Por isso as vendas diminuíram bastante nos últimos meses”.<sup>34</sup>

No passado de Itaquera a inserção das imobiliárias era minoritária, pois a expansão do centro não atingiu seu limiar crítico nesses espaços. É só nos grandes projetos urbanos para as periferias da Zona Leste, se inverteu essa realidade, pela concessão de poder maior de inserção e modificação no espaço. Assim, segundo Carlos (2006, p. 84-85):

O desenvolvimento desse mercado de imóveis de escritório tem na raridade do espaço (o segmento de escritórios que não pode se localizar em qualquer lugar do espaço metropolitano) um ponto importante que se estrutura através da estratégia dos empreendedores imobiliários. Portanto, o processo de urbanização atual se explica pelo movimento de passagem do capital produtivo para o capital financeiro, havendo, assim, desconcentração do processo produtivo industrial com centralização financeira. Desse modo, a mobilização dos negócios com o solo urbano redefine o conteúdo da urbanização. A “metrópole como negócio” é, destarte, um momento central da reprodução cuja lógica é questionada pelos movimentos sociais urbanos contrários à realização das “renovações/operações urbanas” na metrópole.

---

<sup>32</sup> Em, O ESTADO DE SÃO PAULO. **Estádio do Corinthians paralisa mercado imobiliário em Itaquera**, 2010. Disponível em... Ver Bibliografia.

<sup>33</sup> Em, CONTANDOITAQUERA.BLOGSPOT.COM. **Estádio em Itaquera pode ‘travar’ mercado imobiliário, dizem corretores**, 2010. Disponível em... Ver Bibliografia.

<sup>34</sup> Ver, CORREANETO.COM.BR. **Alguém trocava 16 hospitais por um estádio de futebol?**, 2011. Disponível em... Ver Bibliografia.

## **CAPÍTULO 2**

**AS CONDICIONANTES HISTÓRICAS EM ITAQUERA:  
GÊNESE DE UM ESPAÇO URBANO DA METRÓPOLE  
PAULISTANA.**

Agora apresentamos o segundo momento deste estudo sobre Itaquera. Antes, enfatizamos a importância de uma panorâmica da realidade vivida na metrópole, com a apresentação de tabelas e mapas e outras técnicas de pesquisa para um sobrevôo na realidade atual.

Este segundo capítulo contempla um momento regressivo, de retorno à gênese temporal do espaço, dentro do que nos interessa sobre Itaquera. É um retorno diante de uma *Complexidade Vertical*, que culmina na constatação, segundo Lefèbvre (1978, p. 64), de que o mundo do presente, os seus espaços, “ofrece a la observación y al análisis la coexistencia de formaciones *de edad y épocas distintas*, e, “... esta yuxtaposición paradójica- lo más arcaico al lado de lo ultra- moderno- se observa a veces en un territorio reducido”.

O que caracterizamos, de um lado, como descrição, de outro, por intermédio de uma regressão, descobriremos o momento histórico em que as práticas de produção de espaços parcelados e mensurados se consolidaram.

A situação posta em meados do século XX é aquela em que os elementos da ruralidade e da vida urbana começaram a conflitar-se mais veementemente. Além do mais, situação que ocorre com a expansão das periferias, principalmente na Zona Leste de São Paulo, região hoje mais populosa da metrópole paulistana.

No final do capítulo consta a apresentação do elemento que mais se assemelha com uma periferia aos olhos do cidadão que não pertence a esse espaço periférico: as moradias que abrigam camadas populacionais de baixa renda. Itaquera é considerada-consideração que veremos melhor em Itaquera suburbana: Conversações na Geografia à Aroldo de Azevedo-, um “distrito dormitório”, nome dado aos espaços nos quais a maioria população, durante o dia, desloca-se de seu reduto de vivência e de realização das funções básicas para regiões mais centrais, em busca de emprego. Essa é uma realidade que mostraremos como materializações da metrópole paulistana.

## 2. A produção de espaços parcelados em Itaquera.

Os espaços em Itaquera foram sucessivamente segregados ao longo de seu processo histórico; porém, persistem as diferenças (distintas temporalidades): a presença do comércio e, inicialmente, das pequenas indústrias convivendo com seus trabalhadores. Distintas camadas da sociedade materialmente aglomeradas e conflituosas. O espaço acaba tornando-se um espaço de diferenças e de semelhanças.

O fato de enfatizarmos o espaço se deve à adequação dele à história de diversas sociedades, ou melhor, “dos tempos” dos indivíduos e do indivíduo, inseparável da sociedade.

O modo de vida e as relações rotineiras da dispersa população, assemelham-se mais aos elementos da ruralidade<sup>35</sup>. As formas espaciais de reprodução da vida não eram providas pelo modo de produção capitalista, mas, desse ponto de vista, a manifestar-se aos poucos. Essa é uma situação que, sem dúvida, abrange toda região leste paulistana, mas por outro lado, devem-se resguardar particularidades do distrito de Itaquera<sup>36</sup>.

A verdadeira transformação ali ocorrida e que nos interessa e que conta com outros fatos a serem analisados, que tem nossa preferência por ter sido um espaço tecido apenas sob a ótica do entendimento acerca do desenvolvimento das forças produtivas e dos meios de produção capitalista, que, implica contradições na dimensão cidade-campo<sup>37</sup>, pela sua própria superação em direção constante para a urbanidade.

O centro paulistano adquiriu já nesse mesmo período as características atuais, diferenciando-se (desde início até presentemente) das outras capitais brasileiras pela

---

<sup>35</sup> O nome Itaquera é origem indígena, que provém do dialeto Guarani, falado e reproduzido pelos índios, significando “Pedra Dura” (Ita-Aker). Dessa forma, as primeiras habitações que desenvolveram suas formas de existência, são as indígenas, mas sem nenhuma ligação com o que estamos tratando. Só deixamos claro que há diferentes interpretações apontadas por diversos especialistas sobre Itaquera, fruto da falta de informações oficiais sobre a sua real aparição na história.

<sup>36</sup> Estava, o distrito, começando a transformar-se, onde as manchas de urbanização ainda eram concentradas no centro. Fora da “nova” vida cidadina formavam-se aglomerações acompanhando os trilhos dos trens que na época, eram o meio de transporte mais eficaz no que tange ao tempo de escoamento da produção e mobilidade no território da futura metrópole mundial.

<sup>37</sup> LEFÈBVRE, Henri. **A cidade do capital, 1999**. “A separação da cidade e do campo pode e deve se superar... Esta superação resulta de uma “massa de pré – condições materiais, que a simples vontade não é suficiente para realizar”, e, mais particularmente, de um crescimento das forças produtivas assim como de novas relações de produção (e em consequência: de outro modo de produção, de outra sociedade). A superação não resulta, portanto, de um decreto de uma intenção da consciência. Há tendência nesse sentido, é o sentido da tendência histórica, a da prática e da sociedade inteiras, que vêm assim se explicitar” (Op. cit., p. 50-51).

intensidade e velocidade dos fatores históricos produtivos, que o capital estrangeiro engendrou desde os tempos do café. Para Araújo (2010, p. 225):

A transição do regime de acumulação rural para urbano, ao manter parte da estrutura reprodutiva do regime de acumulação rural para urbano, ao manter parte da estrutura reprodutiva do regime de acumulação anterior, sob formas e práticas tidas como pretéritas, atuou para que a periferia se tornasse um grande acúmulo de formas pretéritas.

O modo de vida dos países desenvolvidos- a ideologia que eles empregam na venda de produtos- são possibilitados pela flexibilização da produção, a partir de meados do século XX.

A sociedade capitalista ampliou todas as fronteiras de sua lógica, causando uma ruptura na distância que o próprio espaço impunha. O lugar é também o lugar do mundial, regado por fatores externos à sua realidade, e em direção a uma homogeneidade, esta última, como objetivo a ser conquistado.

São Paulo expandiu-se, estendendo-se de início, do centro para as periferias, devido a diversos fatores: a necessidade de diversificação do capital cada vez mais intensa, maior circulação de mercadorias em seu território e a concentração histórica de uma infraestrutura primitiva que possibilita uma circulação mais acessível em direção às suas partes constituintes.

Foi a primazia do capital estrangeiro que causou uma intensa efervescência no espaço, para, mais adiante ainda, outra alteração no quadro do espaço ser repensada. Aqui tentaremos enquadrar esse movimento, dentro de uma perspectiva culminada com uma análise geográfica.

Se, na fase rural, Itaquera caracterizou-se por sua homogeneidade dentro do modo de vida rural pelas suas chácaras e o estilo de vida pacato, sobrevive diante disso, dentro de uma produção agrícola e de comércio totalmente dependente do centro. Pequena concentração populacional num modelo rural já estabelecido.

## 2.1. A concepção de subúrbio em Pierre George no livro *Geografia Urbana: Lugar e adequação no espaço em estudo*.

Segundo George (1983, p. 76):

A unidade de base da vida urbana é o *bairro*: na origem, com frequência( ...) O morador refere-se ao seu bairro, quando quer situar-se na cidade; tem a impressão de ultrapassar um limite quanto vai a um outro bairro. A organização administrativa, geralmente, codificou estes dados empíricos e emprestou-lhes uma forma rígida. É com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular. Finalmente, e não é o menos importante, o bairro tem um nome, que lhe confere uma personalidade dentro da cidade.

Contudo, ainda segundo Santos (2006p. 166), que discorre no décimo capítulo *Do Meio Natural ao Meio Técnico-Científico-Informacional* sobre os Lugares, enfatizando-os num âmbito “técnico” e “organizacional”, diferindo, assim, “(...) pela capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos”:

Os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamentos, infraestrutura, acessibilidade) e organizacional (leis locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laborai).

Mais à frente o autor coloca que os lugares têm “... tendência a um mais rápido envelhecimento (do ponto de vista técnico e socioeconômico)”. E, que se dirá do ponto de vista do homem e da sua relação com esse espaço, este último pensado como da vida, das íntimas relações?

Teriam esses “recortes” do espaço, no imaginário do morador, um limite de apreensão?

Certamente sim, segundo o autor acima mencionado eles, têm seus “(...) ritmos diversos e, mesmos, inesperados, segundo regiões e países”. Para dar continuidade à discussão sobre a questão, vamos a partir da proposta do segundo capítulo, para constar, também, a noção de *bairro* e a visão dele por parte do morador no contexto da modernidade.

O cotidiano, para Lefèbvre (1991, p. 82) significa “(...) objetos de todos os cuidados”, que existe contido no interior das possibilidades que fortalecem a reprodução de relações sociais (e espaciais) dentro do urbano.

O *bairro* em contraposição ao ideário de *quarteirão* é, sim, a unidade primordial ou, como o próprio geógrafo francês aponta, “unidade de base da vida urbana...”. Isto se relaciona à característica específica de ter uma “personalidade dentro da cidade”.

Lefèbvre (1978)<sup>38</sup> discorre sobre a importância do bairro, ou melhor, sobre a “vida de bairro” (título de subitem da obra), e aponta sua concretude, “... del espacio y del tiempo en la ciudad.”. Diz, a seguir, que não podemos entender a cidade apenas como relação entre espaços distantes (“centro urbano com la periferia”).

O bairro é um espaço social múltiplo e diversificado, com pequenas diferenças, “(...) seria la mínima diferencia”, onde agentes o organizam, dominam e traçam suas medidas. Segundo Lefèbvre (1978, p. 200-201):

El barrio es una forma de organización concreta del espacio y del tiempo en la ciudad. Forma cómoda, importante, pero no esencial; más coyuntural que estructural. Las relaciones del centro urbano con la periferia son un factor (una variable) importante. Pero no es el único. El espacio social no coincide con el espacio geométrico; este último, homogéneo, cuantitativo, es sólo el común denominador de los espacios sociales diferenciados, cualificados, El barrio. Tal como acabamos de mostrarlo, sería la *mínima diferencia* entre espacios sociales múltiples y diversificados, ordenados por las instituciones y los centros activos. Sería el punto de contacto más accesible entre el espacio geométrico y el espacio social, el punto de transición entre uno y otro; la puerta de entrada y salida entre espacios cualificados y el espacio cuantificado, el lugar donde se hace la traducción (para y por los usuarios) de los espacios sociales (económicos, políticos, culturales, etc.) en espacio común, es decir, geométrico.

Itaquera para os seus moradores obedece à função de *bairro*, visto que a representação do espaço que ele tem, não é dirigido à relação de produção da mundialidade, mas, retorna ao tempo do romantismo que caracterizou o bairro na sua história, e que não mais apresenta vestígios no espaço urbano. Para o residente do distrito, a própria distinção dele em relação aos distritos vizinhos, remete ao coloquial de *bairro*.

No entanto, Itaquera é uma região localizada geograficamente distante do centro da cidade, e, mesmo na distância que os separa há entrelaçamento consistente entre o distrito e o centro paulistano. Segundo George (1983, p. 78):

Cada localidade da periferia é, mesmo tempo, a personalidade jurídica de uma circunscrição em pleno exercício, com sua municipalidade, sua competência própria em matéria de serviços públicos, de finanças, em certos casos mesmo de polícia, é senão uma fração de cidade no sentido em que ela só possui uma parte das atribuições da cidade: uma atividade industrial, ou a função de moradia, às vezes mesmo uma função de lazer (local de distração, de estrada, de fim-de-semana e de férias).

---

<sup>38</sup> Debate con I. Balladur y M. Ecochard, “Les Cahiers du Centre d’Études Socialistes”, núm. 72-73, septiembre de 1967, Paris. In. LEFÈBVRE, Henri. **De lo Rural a lo Urbano**, 1978. (195-203p)

A “personalidade jurídica”, mesmo sendo “(...) senão uma fração da cidade... das atribuições da cidade”, consegue, em parte, uma inserção de comando nos espaços periféricos, realidade que é vivamente materializada, pela facilidade da entrada de investimentos financeiros em primeiro lugar, e com a criação dos característicos lotes. A competência jurídica, ou seja, o aval e administração estatal desses espaços, segundo Araújo (2010, p. 209):

... é um produto da modernização, mas é outro lado, o contraditório, porque o movimento do capital não é homogêneo no espaço/tempo. No entanto, isto não impede que as formas referenciais de reprodução capitalista típica penetrem na periferia de uma estratégia de uma ordem (institucional).

Apesar das mudanças que a modernidade implantou no distrito, como vimos no primeiro capítulo, e das formas da mundialidade que percorrem o espaço em estudo, essa, não é uma realidade apenas de São Paulo nem do Brasil, mas uma prática organizacional de âmbito mundial, distinguindo-se em diversos países. Assim George<sup>39</sup> (1983, p. 76) chama estas concretudes de “*subúrbio*”:

No limite da cidade terminavam as franquias, os direitos, privilégios reservados apenas aos cidadãos e, às vezes também, obrigações e limitações. De qualquer maneira, o que estava fora da cidade era diferente, ou mesmo estranho. E é com um sentido pejorativo que durante muito tempo se falou do *subúrbio*.

Salvo estas particularidades, cidades como Roma na Itália, Praga na República Tcheca e uma terceira característica que elaboramos na “TABELA 2”, exemplificam diferentes constituições de *periferia*, que variam em suas funções sempre referidas ao todo cidadão.

---

<sup>39</sup> Em, MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena história crítica**, 2007. “Seu grande mérito foi introduzir pioneiramente alguns conceitos marxistas na discussão geográfica. Este autor vai tentar uma conciliação da metodologia da análise regional com o instrumental conceitual do Materialismo Histórico. Assim, discute as relações de produção, as relações de trabalho, a ação do grande capital, as forças produtivas etc., em suas análises regionais”. (Op. cit., p. 125)

## DEFINIÇÕES DE PERIFERIA

<b>1º Definição</b>	Roma, cidade sem bairros periféricos, ilustra a contrário o papel indispensável de uma rede de aldeias suburbanas na constituição de uma periferia. Em compensação, há dez anos, operações imobiliárias implicando a aquisição de propriedades rurais, parcelamento, rede viárias, loteamento, preparam uma nova forma de crescimento urbano.
<b>2º Definição</b>	Praga fornece uma outra imagem: a cidade também aumenta por difusão a partir do centro da massa urbana. Excepcionalmente, a implantação de uma fábrica em campo aberto cria uma nova mancha urbana ao redor de algumas construções rurais (Bohnice), mas no quadro de uma organização única. Aqui, é a anterioridade de um quadro administrativo, precedendo de longe a extensão espacial da cidade, que inibe o processo de constituição da periferia. Nápoles inscreve - se na mesma série evolutiva.
<b>3º Definição</b>	A periferia- no sentido próprio do termo-, isto é, a periferia das cidades européas, define - se por uma terceira característica: a de compor -se de unidades urbanas incompletas, no sentido em que lhes falta um ou vários elementos indispensáveis a uma cidade. Ou são as atividades de produção que estão ausentes ou o comércio que está representado de maneira embrionária.

TABELA 2: Sentidos dados ao termo *periferia*. Elaborada a partir de: GEORGE (1983, p. 79)

Na primeira definição, um centro urbano não se constitui de periferias ou espaços suburbanos. Contudo, com a nova realidade alcançada no capitalismo e a lógica da cidade, inscrita pela “(...) aquisição de propriedades rurais, parcelamento, rede viárias, loteamento, preparam uma nova forma de crescimento urbano”. Sem ao mesmo, Roma ser considerado um espaço tecido sem a presença de uma rede periférica, na prática, as chamadas “aldeias” são de suma importância, obedecendo a essa função, e, logo, regiões periféricas.

Em Praga, a definição é de uma constituição única no seu todo urbano. Há aglomerações margeadas geograficamente na cidade, porém sem poder se constituir numa periferia dada a sua proximidade com o centro. Ações políticas são de crucial importância, “um quadro administrativo, precedendo de longe a extensão espacial da cidade, que inibe o processo de constituição da periferia”.

A terceira visão que Pierre George expõe, expressa a terminológica que veremos em Itaquera com Aroldo de Azevedo. Para Carlos (2004, p. 68):

Finalmente, para Pierre George as cidades são formas de acumulação humana e de atividades concentradas, próprias a cada sistema econômico e social, reconhecidos. (...) Na obra de Pierre George, a cidade é analisada de forma mais abrangente, envolvendo uma perspectiva histórica: a cidade é, em cada época, o produto de uma organização das relações econômicas e

sociais que não se limita a exercer sua influência sobre as únicas aglomerações urbanas.

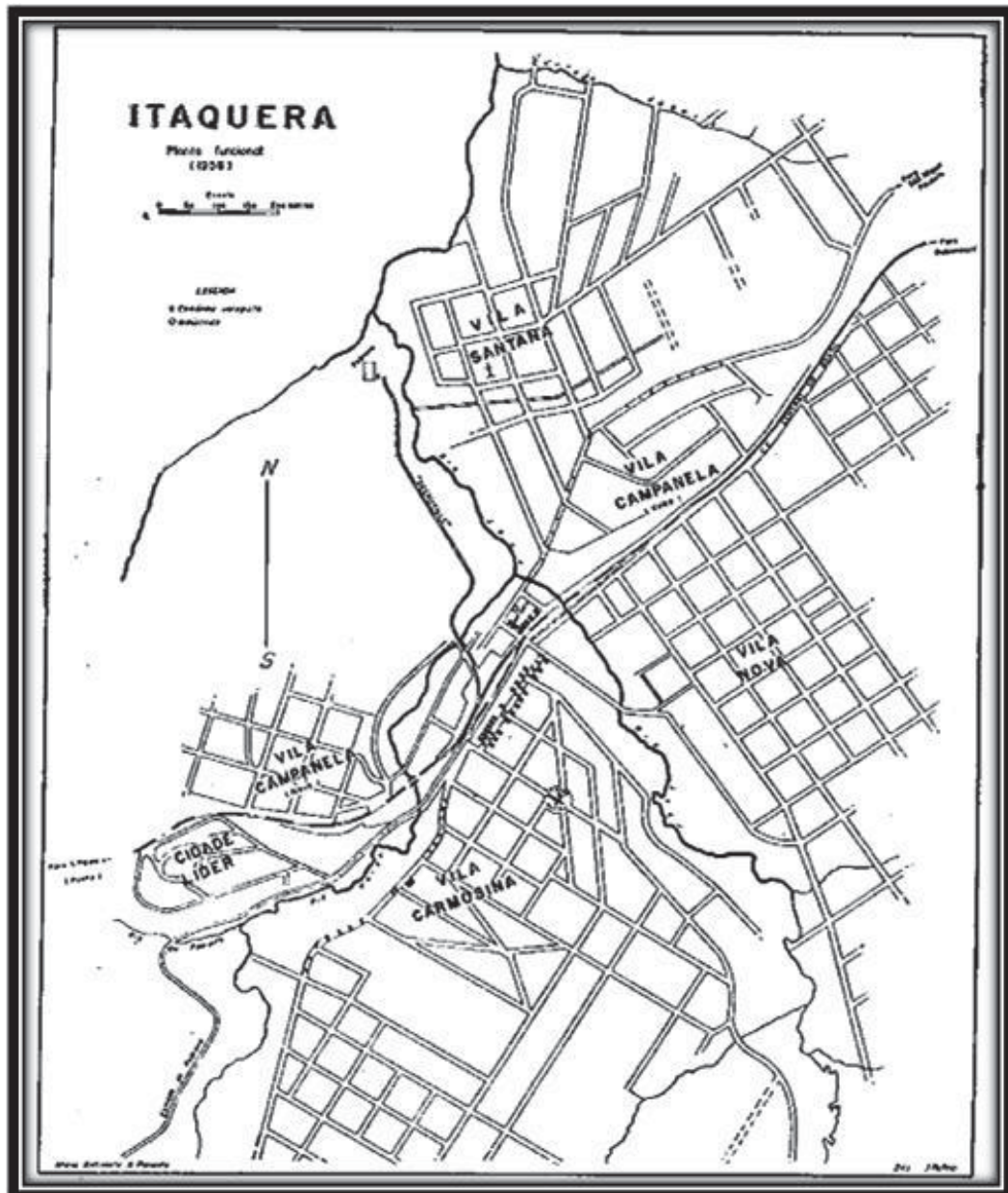
## 2.2. Itaquera suburbana: conversações na Geografia à Aroldo de Azevedo.

Em 1945, o professor Aroldo de Azevedo pesquisou os aspectos geográficos e históricos da região. Consta que ele percorreu a área diversas vezes, ouvindo os habitantes e registrando episódios importantes, inclusive por meio de fotografias. Com base no que colheu, ele escreveu uma tese que intitulou “Subúrbios Orientais de São Paulo” (com a qual concorreu à cadeira de Geografia do Brasil da então faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Com essa tese, que inclui o primeiro trabalho histórico de Itaquera, cuja maior fonte de informação foi os habitantes do bairro.

A primeira impressão que os viajantes tinham tinha quando deparavam com Itaquera, não era obviamente a de um grande aglomerado populacional que espelhava a vida urbana. A presença das formas rurais era predominante, mas guardava particularidades e beleza específica. A mistura clara entre as ruas metrificadas por cientistas e a tração animal, mostrado, pelo MAPA3, é inconfundível. Segundo Azevedo (1958, p. 162):

São aglomerados que, em 1950, não tinham mais de 10.000 habitantes em suas zonas urbana e suburbana, que se identificam pelo predomínio da função residencial, mas que individualizam na paisagem. Itaquera e Poá representam o papel de pequeninas ‘capitais’ regionais, embora Guaianases comece a sobressair.

As pessoas que se instalaram e, conseqüentemente, reproduziram seus modos de vida, eram, em geral “(...) brasileiros em sua maioria, destacando-se entre estes, muitos baianos e nordestinos. Do elemento estrangeiro ali radicado, sobressaltam os japoneses, instalados principalmente na zona rural” (p. 161-162).



MAPA 3: Planta funcional de Itaquera em 1956 em Aroldo de Azevedo (1958, p. 163).<sup>40</sup>

<sup>40</sup> “A fisionomia geral do aglomerado de Itaquera agrada em virtude de seu caráter semi-rural. As habitações, modestas em sua maior parte, aparecem pintadas com cores alegres (verde, rosa, azul, amarelo) e não se acotovelam umas ao lado das outras, mas disseminam pela localidade, entremeadas por pequenas áreas cultivadas e por abundante arvoredado, cuja folhagem dá uma nota particular à monótona paisagem campestre de seus arredores. No trecho mais antigo, paisagem campestre de seus arredores. No trecho mais antigo, como é de se esperar, predominam as casas de frente de rua, germinadas e sem nenhum estilo. Mas o tipo dominante cabe às construções novas, em estilo moderno, com pequeno jardim à frente”. (Op. cit., p. 165)

“De todo modo, as zonas periféricas são desprovidas de quadros financeiros, administrativos, culturais, acima da escala estritamente local. Elas são, então, reatadas organicamente, por laços complementares, com a cidade, ou formam complexos arbitrados pela cidade e no interior dos quais se efetuam trocas de produtos e de serviços. Estes laços se materializam por deslocamentos diários de produção ativa entre cada localidade de periferia e a cidade principal, ou de uma zona periférica para outra”. George (Op. cit., p. 79-80)

### 2.3. A ascensão para “Distrito Residencial” ou dormitório.

Se antes um morador itaquerense cultivava (décadas de 40 e 50) uma horta ou uma plantação com alguns alimentos essenciais para sua dieta, o quadro de análise das moradias, ainda resguardava esse padrão na época: a paisagem pitoresca das casas (a quantidade de cômodos, o levante entrelaçado das casas e dimensionamento desordenado dos terrenos, sem nenhum projeto arquitetônico ou simulado).

CENSO DE 1950	
	Habitantes
São Miguel Paulista	39.376
Itaquera	15.515
Guaianases	10.413
Poá	8.508
Itaquaquecetuba	5.124
Ferraz de Vasconcelos	3.189
Total	82.125

TABELA 3: População absoluta de acordo com o censo de 1950<sup>41</sup>

Itaquera junto com Poá, segundo o professor Aroldo de Azevedo formam os Subúrbios Residenciais da cidade paulista, que permaneceram nessa função no decorrer do recorte temporal de que estamos tratando no estudo na TABELA 3. A realidade que já tomara suas dimensões em maior escala na região central, aos poucos foi interferindo no modo de vida dos moradores do local e na configuração do espaço.

A ação da iniciativa privada, que era mínima, e a falta de interesse econômico nesses distritos foi mudando. Não só a ação do Estado se tornou mais proeminente, mas este também permitia que instâncias do capital privado atuassem no espaço, na construção de loteamentos, para as camadas menos providas de renda. Como exemplo, temos Aversan (2008, p. 36), na cidade A. E de Carvalho (que está, em sua maior parte, em Itaquera):

A cidade Antônio Estevão de Carvalho- Cidade A. E. Carvalho- foi formada na primeira metade do século XX, entre o final da década de 1940 e início da década de 1950, através de um empreendimento imobiliário do Banco A. E. Carvalho, que no ano de 1943 começou a comprar antigas chácaras e terrenos na Zona Leste da cidade de São Paulo, com o objetivo de realizar

<sup>41</sup> Idem, p. 155

um loteamento voltado para a população de baixa renda. Nos primeiros anos, a partir de 1943, houve o trabalho de levantamento topográfico e de parcelamento do solo. Foi somente no ano de 1956, que o Banco fundou oficialmente a Cidade A. E. Carvalho.

Quanto ao transporte ferroviário, ele era ineficaz dada à escassa frequência com que o trem passava (duas vezes por dia), além do que, as pessoas necessitavam competir com os próprios produtos que comercializavam por espaço nos vagões. Em 1960 reformas foram feitas e, o terceiro trilho foi colocado.



**FOTO 3:** A Estação de Itaquera no ano de 1955. Foto de William Gimenez.

Na “FOTO 3”, no retrato de fundo, mostra a realidade ainda rural, típica de uma cidade interiorana. Na mesma época o território de Itaquera absorveu novas formas, com a rede de energia elétrica nas casas loteadas que se entrelaçavam com as propriedades rurais que remanescentes. Comparada com a Estação da Luz no centro de São Paulo, a estação de Itaquera era muito pequena e pacata. Ao lado dela está um ônibus que redefiniu a relação entre centro e periferia.

Vimos anteriormente, que o espaço em Itaquera foi, aos poucos, sendo preenchido, embora ainda caracterizado como um distrito de poucas oportunidades. A partir da metade do século XX, as transformações mais importantes, marcaram Itaquera para sempre, graças ao crescimento desordenado, característico das periferias paulistanas.

A maioria dos moradores de Itaquera e diariamente e diretamente para a região central da capital para trabalhar em funções subordinadas, ou com intenção de trocar de produtos oriundos do cultivo de terra para comercialização.

Os primeiros loteamentos em Itaquera no local foram feitos pela iniciativa privada, mas ainda como resíduo da ruralidade e do modo de vida que ali se desenrola, embora já definindo gradativamente. Intensificou-se a demanda por novas atividades nas regiões centrais da cidade de São Paulo.

A maior interferência do capital externo, com primazia do americano, forçando um desenvolvimentismo no Brasil, depois da segunda Guerra Mundial tomou contornos maiores. Foram sendo absorvido e modelam o capital paulista, que se tornou o maior núcleo receptor de investimentos dessa ordem.

É o momento histórico da produção fordista, que tomou forma no espaço, como condição de provedor da mais-valia almejada.

O período desenvolvimentista no Brasil, mais enfaticamente na cidade de São Paulo do que em qualquer outra capital ou região brasileira, intensificou a inserção das forças produtivas e dos meios de produção, estendendo a lógica capitalista de mercado até as periferias.

A partir da Segunda Grande Guerra no Mundial, segundo Granou (1975, p. 53):

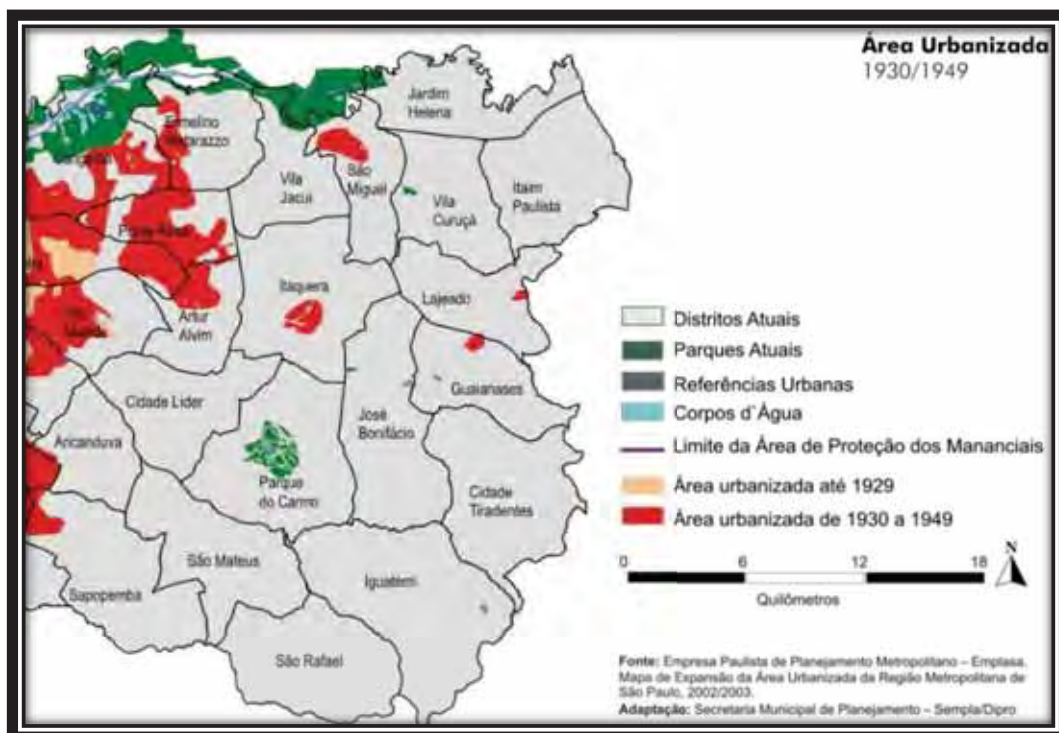
No decorrer dos séculos, o homem havia organizado a sua existência à volta de um conjunto de relações sociais e de uso de objectos, e de futuro o alargamento necessário da produção de capital leva-o a organizá-la à volta de mercadorias- valores de uso ao mesmo tempo que valores de troca- determinarão eles próprios a natureza de novas relações. Ora, a medida em que toda a mercadoria se troca no mercado, isto quer dizer que neste estágio de desenvolvimento do capitalismo não pode haver relações sociais ou relações entre homem e os meios de existência que sejam mediatizados pela aquisição de mercadorias, por um consumo.

Os mapas a seguir foram obtidos de fontes oficiais e, apesar de termos constatado o desenvolvimento, os reelaboramos, especificando Itaquera e sua evolução<sup>42</sup> espacial.

O objeto de nosso estudo é um espaço móvel, em temporalidades distintas, e que, em determinado tempo, repercutiu concretamente nas relações entre homens, obedecendo à qualidade de ações provindas mais dentro do território paulistano urbanizado.

---

<sup>42</sup> Não podemos perder de vista esta identidade, relação íntima do próprio movimento do capital- com novos espaços produtivos e com valor no tocante- no que tange o consumo e a reprodução social.



**FIGURA 6:** Área urbanizada entre 1930 e 1949, representando, a periferia no período descrito, seja pelo adensamento industrial e populacional característico da história paulistana nestas áreas.

A FIGURA 6 mostra também, sobreposta, a evolução populacional (no período assinalado na imagem) na região metropolitana, dividida por distritos como estão delimitados atualmente. Com estímulos ao crescimento em épocas mais remotas, a expansão vinda do centro intensificou-se, acrescida pelo contingente populacional como exigência de mão-de-obra para indústria e comércio.

A região paulistana de que estamos tratando, a Zona Leste, constitui um espaço originado a partir do centro, o qual empurrou a indústria, lançando-a para locais mais distantes. E, juntamente com os loteamentos residenciais de baixa renda, criou, em espaços periféricos, aglomerados de pessoas vivendo em condições distintas de vida.

Quanto a essa expansão para o Leste da cidade na FIGURA 6, ela alcançou maior distância em comparação com outras regiões, com pequenas manchas em Itaquera, São Miguel, Guaianases e Lajeado. Os limites de ocupação mais enfáticos das áreas na Zona Leste compreendem os atuais distritos de Artur Alvin, Ponte Rasa Vila Matilde e Ermelino Matarazzo. Na mancha situada sobre o distrito de Itaquera está o bairro de *Vila Carmosina* (entre os bairros mais antigos de Itaquera).



**MAPA 4:** Recorte feito na Planta da cidade de São Paulo de 1943. A direita está Itaquera, e a esquerda o centro paulistano. Em números essa distância é de aproximadamente 20Km. **Fonte:** “*The São Tramway Light&Power Co.L<sup>TO</sup>*”. **Disponível em:** [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1940.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1940.php).



**FIGURA 7:** Figura modificada com ênfase em Itaquera. Área urbanizada entre 1950 e 1962, continuando o adensamento industrial e populacional característico da história paulistana nestas áreas.

As implicativas do Estado também se fizeram presentes nesse momento na FIGURA 7, quando as negligências anteriores precisavam ser repensadas. Suas implicações se deram ao passo das necessidades que as áreas centrais exigiam; o funcionamento e ampliação do comércio e indústria era que determinava as “medidas necessárias” adotadas em diante, de acordo com a estratégia do momento.

A expansão geográfica em São Paulo é indiscutível nesse período. A explosão demográfica alavancada pelas oportunidades econômicas e políticas provocou o inchaço da cidade que concentrou, como coloca François Chesnais<sup>44</sup>, uma “massa de capital”, hábitos de que se expandiram para a periferia, consolidaram sua posição de carro-chefe do crescimento brasileiro.

Apropriação e uso, para fins lucrativos, do espaço em Itaquera, tomaram “rosto moderno” a partir de 1950, a partir de condições pré-existentes: disponibilização maior de loteamentos, energia elétrica e meios de transportes coletivos com a implantação das linhas urbanas e expansão do sistema ferroviário.

Vemos que a mancha única de urbanização existente na década de 40<sup>45</sup>, concentrava todas as atividades comerciais e primárias. Ali também se davam as relações sociais cotidianas das pessoas, estendendo-se para todas as direções<sup>46</sup>, em um período de em média 10 anos, de acordo com o que está sendo apontado pelas figuras historicizadas que estamos analisando neste segundo capítulo.

---

<sup>44</sup> Em, CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**, 1996.

<sup>45</sup> Referindo-se a atual Vila Carmozina.

<sup>46</sup> A mundialização que se apoderou a partir de década de noventa, deu um novo rumo a Itaquera e novas perspectivas (agora em outra ordem de desenvolvimento, facilmente constatado pelas estruturas que são implantadas). A criação de grandes centros de consumo (Shopping Metrô Itaquera), tecnológico (SESC) e intelectual (Universidade da Zona Leste). Porém não estancou os problemas urbanos anteriormente materializados na vida social daquele urbano iniciado (principalmente de habitação, até hoje).

### 2.3.1. Ações do Estado e de empresas privadas para a construção das moradias populares.

No final do item acima, comentamos que diversos meios produtivos e de crescimento das forças capitalistas foram essências para o desenvolvimento da Zona Leste paulistana, verdade, que foi se modificando e se modernizando, sem perder o caráter contraditório que constatamos ainda hoje.

O som dos Racionais MC escapa de alguma janela da Cohab, enquanto o torcedor do Timão gritou pro seu archi-inimigo: “Chupa, Porcada”, comemorando mais um gol.<sup>47</sup>

Os modos de vida dos moradores da periferia, em parte emergem do próprio núcleo criador. A idolatria pelo esporte como cultura e pelo “som” musical característico é uma realidade à margem das qualidades legitimadas por uma elite pautada na economia e política na FIGURA 11.

Todos os meios produtivos tiveram uma tarefa bem simples: prover um mínimo de recursos públicos para Itaquera. Os ônibus, os bancos, o comércio o trem, que se modernizou na década de 70, destinavam-se a crescente sociedade marginal de São Paulo que, massificando-se, era expurgada para os espaços loteados por intermédio de empresas como a Companhia Pastoral e Comercial, em meados de 1930 no distrito, começava a ascender, à deriva, sem os cuidados dos agentes públicos e privados de São Paulo.

Segundo Damiani (2005, p. 39):

E São Paulo, como grande metrópole, caracteriza-se por um processo homogeneizante, de controle e sujeição de populações, absorvidas precariamente pelo crescimento econômico, constituindo periferias urbanas de milhões de habitantes; assim como define uma forma urbana possível de abrigar e centralizar múltiplas experiências e acontecimentos socioculturais e políticos. Nas nossas periferias, de modo mais atual, podemos pensar no movimento hip hop, também, como experiência contestatória.

A vestimenta simples, fora dos padrões de moda, a terra que levantava no ar uma densa massa de areia, a bola muito surrada e que não apresentava slogans e signos do consumo são situações que a FIGURA 8, abaixo, mostra e, de fato essa situação, não contrasta com a permanência descrita dos espaços de habitação popular.

---

<sup>47</sup> Em, PATRICIASOARES.WORDPRESS.COM. **Os sons da Cohab**, 2008. Disponível em... Ver Bibliografia.



**FIGURA 8:** Crianças da COHAB jogando bola (paixão mundial e financeiro-comercial). Disponível em: PATRICIASOARES.WORDPRESS.COM.

São habitações construídas como obras públicas e, em muitas vezes, eleitoreiras. Na modernidade são também patrocinadas e moldadas por empresas que tendem a realizar especulações quanto à criação delas, o que de fato, são posturas estratégicas para valorização da área como espaço de troca. Este jogo vai caracterizar-se numa classe específica, relacionando-a em uma lógica do urbano.

O bairro Cidade Antônio Estevão Carvalho situa-se nas proximidades da área que sofrerá com as transformações de mobilidade urbana e deslocamento da população<sup>48</sup>. A FIGURA 9 exemplifica a adequação do nosso estudo sobre Itaquera que Aversan (2008, p. 37) comenta sobre o bairro supracitado. Apesar de o bairro estar numa divisão distrital (Artur Alvim-Itaquera), a maior parte da extensão espacial encontra-se no espaço que é nosso objeto

---

<sup>48</sup> Em, ORIOBRANCO.NET. **Copa 2014: Organizações internacionais criticam desapropriações**, 2011. Disponível em... Ver Bibliografia. “Para a construção do estádio Itaquerão, em São Paulo, 5.200 pessoas que vivem próximas ao local da arena estão ameaçadas de despejo. Porém, a Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo afirma que ainda não está prevista remoção de moradores na região do estádio por conta de obras para construção da arena. (...) Apesar de negar remoções, a prefeitura de São Paulo e o Governo do Estado assinaram recentemente convênio para a realização de intervenções estruturais na Zona Leste, onde o Itaquerão será erguido. O valor oficialmente estimado das obras é de R\$ 478 milhões”.

de estudo. A autora, numa rápida panorâmica das vivências e cotidianidades<sup>49</sup> da população até a década de 90 do século XX, por meio de seu objeto empírico de análise comenta que:

(...) assemelhava-se a uma cidade interiorana, como se estivesse fora do circuito metropolitano, apesar da densidade populacional. Durante o dia, circulavam por lá estudantes, aposentados, donas de casa, professores que trabalhavam meio período, desempregados, comerciantes etc. Nessa época, sua paisagem era composta basicamente por alguns conjuntos habitacionais do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo – IPESP e da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano – CDHU, algumas favelas, um pequeno comércio (açougues, mercearias, armarinhos, imobiliárias, agências bancárias e dos correios) concentrado nas avenidas principais – Águia de Haia e Campanella –, residências, que às vezes funcionavam como granjas, além de três escolas públicas, centros de educação infantil e um posto de saúde.



**FIGURA 9:** Uso e Ocupação do solo na Cidade A. E. de Carvalho: segundo AVERSAN (2008, p. 105) em escala de 1:10.000.

<sup>49</sup> “Mas o interesse deste conceito, o *quotidiano*, apareceu depois muito mais bem expresso. O cotidiano, e não já o econômico em geral, é a base sobre a qual se pode estabelecer o neocapitalismo. Ele estabeleceu-se no cotidiano como solo, isto é, em terra firme, substância social conservada por instâncias políticas.” Lefebvre (1973, p. 66).

<b>Presença na Zona Leste de espaços para habitação popular</b> <b>Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo</b>	
1965	A Cohab-SP foi criada em 16 de novembro, por meio da Lei Municipal 6.738. Inicialmente, instalou-se na rua Jacuqui, 228. Depois passou pelas sedes nas ruas Rissikallah Jorge, Maria Antônia, Consolação, Lutz Coelho e, atualmente, ocupa do 12º ao 14º andares do <i>Edifício Marinelli</i> , na rua São Bento, 405 – Centro.
1966	Inicia a construção do seu primeiro conjunto habitacional, o Capitão PM Alberto Mendes, na Zona Leste.
1967	Inaugura o conjunto habitacional Capitão PM Alberto Mendes, na Zona Leste.
1968	Inaugura os conjuntos habitacionais: Mascarenhas de Moraes, na Zona Leste; Parque Ipê, na Zona Leste.
1970	Inaugura o conjunto habitacional Brigadeiro Haroldo Veloso, em Guarulhos.
1972	Inaugura os conjuntos habitacionais: Jardim Educandário – Zona Oeste; Presidente Castelo Branco – Carapicuíba.
1975	Inaugura o conjunto habitacional Prefeito Prestes Maia, na Zona Leste.
1976	Inaugura o conjunto habitacional Bororê.
1978	Inaugura os conjuntos habitacionais: <u>Padre Manoel da Nóbrega (Itaquera I-B) – Zona Leste</u> ; <u>Padre José de Anchieta (Itaquera I-A) – Zona Leste</u> ; <u>Padre Manoel de Paiva (Itaquera I-C) – Zona Leste</u> .
1980	Inaugura os conjuntos habitacionais: José Bonifácio (Itaquera II/III) – Zona Leste; Vila Maria (I/II/III) – Zona Leste.
1981	Inaugura os conjuntos habitacionais: FERNÃO DIAS – Zona Norte; Elísio Teixeira Leite – Zona Norte.
1982	Inaugura os conjuntos habitacionais: Estrada da Parada – Zona Norte; Pêssego – Zona Leste; Rio Claro – Zona Leste; São Luís – Zona Sul; Teotônio Vilela – Zona Leste.
1983	Inaugura os conjuntos habitacionais: Presidente Juscelino Kubitschek – Zona Leste no Jardim São Paulo; Raposo Tavares – Zona Oeste; Sítio dos Franças – Zona Leste.
1985	Inaugura os conjuntos habitacionais: Barro Branco II – Zona Leste; Itapevi; Barro Branco I (Castro Alves) – Zona Leste.
1986	Inaugura os conjuntos habitacionais: Nossa Senhora da Penha – Zona Norte; Vila Nova Cachoeirinha – Zona Norte; Itaim Paulista – Zona Leste.
1987	Inaugura os conjuntos habitacionais: Inácio Monteiro – Zona Leste; Jardim Antártica – Zona Norte; Jardim Nazaré Paulista – Zona Leste.
1988	Inaugura os conjuntos habitacionais: Adventista – Zona Sul; Cintra Gordinho – Zona Leste; Grajaú – Zona Sul; São Nicolau – Zona Leste; <u>Itaquera IV (implantação de lotes) – Zona Leste</u> ; Heliópolis L – Zona Sul.
1989	Inaugura os conjuntos habitacionais: Brás III – Centro; Brás IV – Centro; Brás VII – Centro; Brás X – Centro; Brassar I / II / III / IV / V – Centro; Jabaquara I / II / III / V – Jabaquara; Parque Carrão – Zona Leste; Parque Fernanda – Zona Sul; Santos Dumont – Zona Norte.
1990	Inaugura os conjuntos habitacionais: Brás I – Centro; Brás V – Centro; Brás VI – Centro; Brás VIII – Centro.
1991	Inaugura o conjunto habitacional Sítio Conceição – Zona Leste.
1992	Inaugura os conjuntos habitacionais: Brás II – Centro; Brás IX – Centro; Heliópolis C e I – Zona Sul; Santa Etelvina (I – VIA, II A, II B1, II B2, II B3, II B6, IIIA, IVA, VA, VII – Zona Leste).
1995	Inaugura o conjunto habitacional Vida Nova – Zona Sul.
1996	Implantação de lotes – Casa Verde – Zona Norte.
1997	Inaugura os conjuntos habitacionais: Jardim dos Ipês – Zona Leste; Jardim das Orquídeas – Zona Norte; Jardim das Camélias – Zona Norte.

TABELA 4: Cronologia dos espaços criados pela COHAB-SP para famílias de camadas de baixa renda. Note a presença da implantação destes conjuntos urbanos na Zona Leste (*negrito*) e em Itaquera (*sublinhado-negrito*) ao longo da história de atuação desta companhia habitacional popularizada<sup>50</sup>.

<sup>50</sup> Tabela elaborada a partir de: <http://imoveis.diretoriodelinks.com.br/cohab-companhia-metropolitana-de-habitacao-de-sao-paulo/>.

Cronologicamente a TABELA 4, mostra os locais, na Zona Leste e em Itaquera, que, ao longo dos anos, foram beneficiados, e constatamos que, até 1997, as intervenções no espaço foram maiores na Zona Leste. Em 1978 Itaquera recebe três conjuntos nas suas dependências e outro, no decênio seguinte.

A COHAB, em São Paulo, é um programa acionado por recursos públicos ainda atuantes e que desloca famílias de espaços “irregulares” ou mesmo ausentes aqueles que não têm moradias permanentes. São grandes conjuntos de habitação popular que, segundo o MAPA 5, estão a maioria, concentrados na Zona Leste, principalmente, nos extremos da região como o Tiradente, Iguatemi, São Rafael, Sapopemba, Artur Alvim e José Bonifácio (pertencente ao Subdistrito de Itaquera). A gradação cromática do mapa mostra que, as COHABS não foram uma estratégia única nos espaços urbanizados de Itaquera.

O surgimento das COHABS foi para resolver a questão de moradia na região metropolitana de São Paulo, cujos déficits, se deveram à rápida expansão nessas áreas, como em Itaquera, local quase exclusivamente destinado à moradia. Sua projeção, técnica e funcionalmente elaborada, é feita para oferecer um mínimo de adequação à moradia, diante de um suporte, ficou defasada de locais de encontros, lazer ou labor produtivo, como mostrado abaixo pela FIGURA 10.



**FIGURA 10:** Relações métricas referentes aos espaços internos de um modelo de habitação da Cohab, referente ao conjunto habitacional Padre Manoel de Paiva (empreendedorizado em 1978 no distrito de Itaquera). Disponível em:

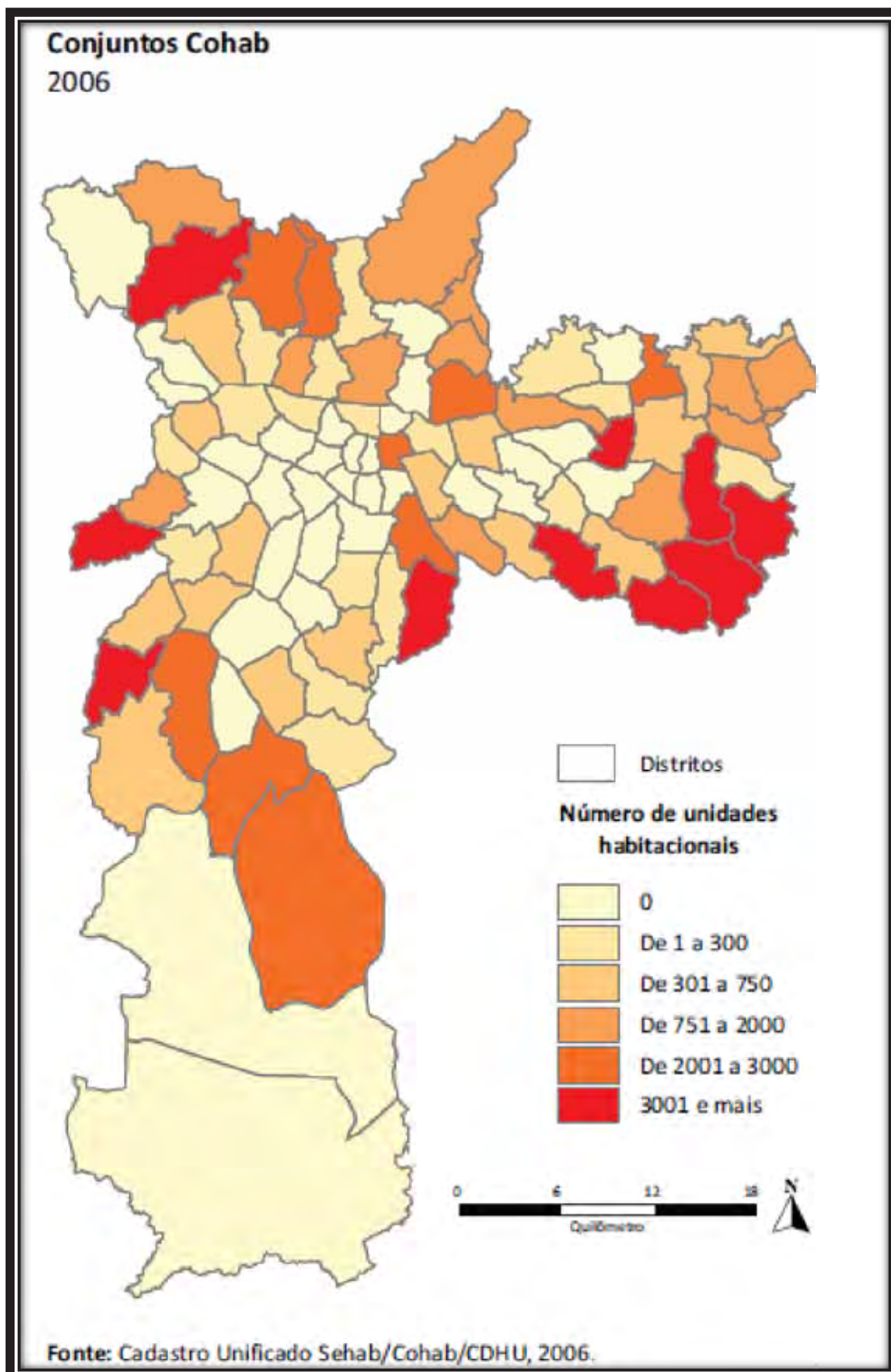
[http://www.nomads.usp.br/pesquisas/espacos\\_morar\\_modos\\_vida/concretos/desinteresse\\_social/17\\_cap3\\_32.htm](http://www.nomads.usp.br/pesquisas/espacos_morar_modos_vida/concretos/desinteresse_social/17_cap3_32.htm).

A CDHU é um programa que destina moradias para os que não possuem condições de realização das atividades triviais para vida. É a mesma função do conjunto municipal de habitações, a COHAB. Não só as esferas públicas como também o capital privado e especulativo atualmente se inserem na construção e gestão desses espaços.

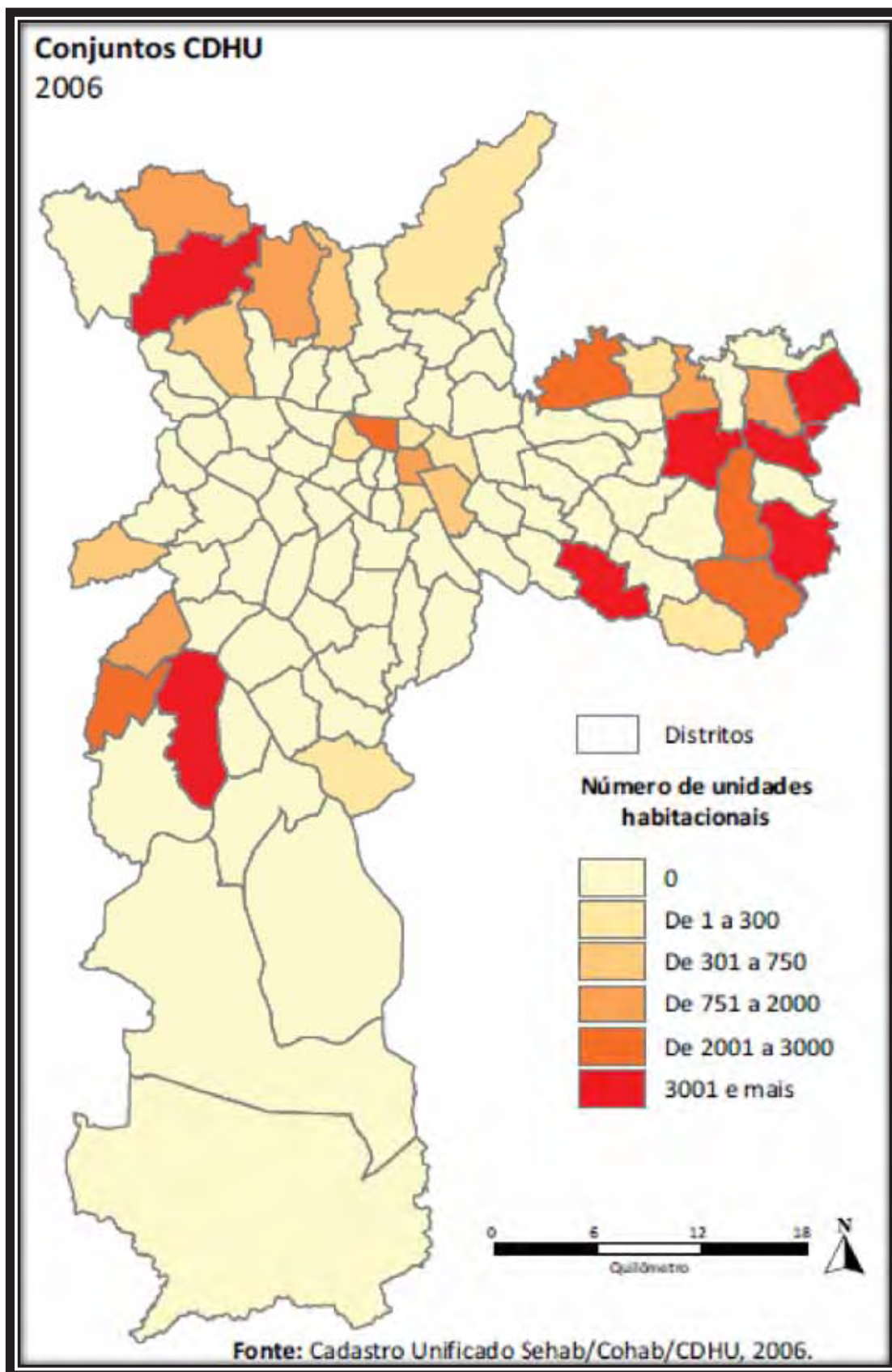
Nos extremos da Zona Leste no MAPA 6, em relação as unidades habitacionais da CDHU, os distritos que apresentam número elevado (máximo na legenda) acima de 3001 habitações em 2006 são: Itaim Paulista, Sapopemba, Itaquera, Lajeado, Cidade Tiradentes. No capítulo primeiro de seu estatuto<sup>51</sup> (Da Denominação, Duração, Sede e Objeto), no Artigo 2º “(...) X – Elaborar ou promover a elaboração de projetos de empreendimentos habitacionais para serem implantados em sistema de parceria público-privada (PPP)”. Essas parcerias entre empresas privadas e dinheiro público foram relacionadas e relacionam-se até neste momento histórico.

---

<sup>51</sup> **Disponível em:** <http://www.habitacao.sp.gov.br/download/estatuto/estatuto-cdhu.pdf>.



MAPA 5: Número aproximado de unidades habitacionais dos conjuntos referentes a COHAB-SP nos distritos paulistanos. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br>.



**MAPA 6:** Número aproximado de unidades habitacionais dos conjuntos referentes à CDHU nos distritos paulistanos. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br>.

## **CAPÍTULO 3**

**A “COPA” NA MUNDIALIDADE DE ITAQUERA: QUEM  
PERDE E QUEM GANHA DENTRO DESTE ESPAÇO  
URBANO.**

Um sobrevôo e uma regressão foram, no decorrer deste estudo, uma forma de tentarmos entender algumas implicativas espaciais criadas por homens e suas relações conflituosas no espaço urbano, sendo, esse último, do distrito de Itaquera, na metrópole paulistana.

Desse modo, tivemos poucas discussões elucidadas pelo contexto presente, ou seja, toda sociedade tem elementos genéticos que a caracterizam e que, hoje, subordinam outros<sup>52</sup> elementos.

Os próprios homens se esforçam para se distinguirem dentro da sociedade urbana, para legitimação de suas ações e condutas por meio dos signos do consumo, que são conjuntos de relações praticamente inseridas dentro de uma lógica tecnológica, que busca um modelo empreendedor para, se possível, obter a almejada mais-valia ampliada nos e pelos espaços urbanos.

Para um hipotético viajante, que outrora se dirigia para o distrito, a paisagem era clara: muito “mato” ou um “um puro verde”, isto, ainda em meados da década de 1950. No agora ao longo desse mesmo trajeto hipotético, na paisagem, estão representadas muitas mudanças na estrutura, dentro da idéia prática de cidade, com o preenchimento da vida atrelada às habitações populares, em nível estadual e municipal (CDHU e COHAB) e o prenúncio do evento mundial, em um espaço mundial específico, dentro do distrito, o que já delinea nos bastidores algumas questões materializadas.

É o terceiro momento do nosso estudo, que, segundo Martins (1981, p. 172-173) coloca o momento “histórico-genético”. O autor situa, neste momento, a necessidade de retornar ao presente, que, porém, este presente deve ser “elucidado<sup>53</sup>”.

---

<sup>52</sup> Como o próprio abatimento nas relações baseadas em práticas da ruralidade.

<sup>53</sup> É um momento que demanda um grande esforço por parte do acadêmico, porque, dentro da intensa dinâmica em que a metrópole se encontra, tentar detectar relações espaço-tempo conflituosa, isto, na sua caracterização genética, demanda um grande teor teórico por parte do acadêmico, visto, também, que demanda uma leitura embasada em conceitos que chegam alcançar nível filosófico para desenrolar-se. Por isso, e coerentemente com o que propomos nesta última parte do estudo, há um número reduzido de páginas. No entanto, não podemos dizer nem pensar que as pertinências levantadas nas poucas linhas que seguirão devam ser passadas.

### 3.1. As novas relações espaciais na hipermodernidade são pré-moldadas para o evento esportivo?

O evento que se prenuncia precisa de diversas operações urbanas para se materializar. Nesse caso Itaquera é concebida como espaço de aglomeração, para moradia essencialmente, fato que sinaliza um grande problema, visto que transferir pessoas é um problema que provoca grandes perturbações na qualidade de vida das grandes cidades, pelas suas repercussões sem precedentes.

Assim como a metrópole mundializada, Itaquera sofre dessas mesmas implicações. Uma pergunta deve ser posta por momento: Se Itaquera é um depósito de homens no espaço, e que necessariamente impróprio para a viabilização plena do evento em 2014, por que há, então, investimentos maciços no local?

A resposta à questão é bem ampla e demanda um tempo cronológico para ser respondida. Porém, um fato pode ser apontado: Itaquera está na metrópole, e essa condição geográfica molda sua história, sempre subjugada à dimensão do todo paulistano.

Foram abordadas no decorrer deste estudo diversas estruturas, que podem modificar relações sociais, não só entre os que frequentam espaços de Itaquera, mas também os seus arredores. O SESC (Itaquera), o shopping-center e a estação metroviária próximo do estádio, num espaço consumido, não se fecham sobre sua delimitação métrica. Todas as estruturas necessariamente usadas postaram-se como materialidade urbana pré-existente, isso, em relação ao evento esportivo.

Sobre as estruturas da mundialidade, elas nem são campesinas e, menos ainda pertencentes à lógica da cidade<sup>54</sup>. São outra “coisa”!

Essa “coisa”, segundo Baudrillard (1991, p. 99), diz respeito, por exemplo, ao hipermercado, que tem o desfecho discursivo nas relações sociais (finalidade e recomeço):

O hipermercado é a expressão de todo um modo de vida do qual desaparecem não apenas o campo mas também a cidade, para dar lugar à “aglomeração” - *zoning (repartição em zonas. Em inglês original.)* urbana funcional inteiramente sinalizada, da qual é o equivalente, o micromodelo no plano do consumo. Mas o seu papel ultrapassa de longe o “consumo” e os objetos já não têm aí realidade específica: o que é preponderante é a sua disposição social, circular, espetacular, futuro modelo das relações sociais.

---

<sup>54</sup> Esse trecho que inaugura o parágrafo foi feito com base nas discussões anteriormente levantadas no segundo capítulo. O modo de vida rural e citadino, não a ver com a realidade que se espera ter com o advento do estádio

Notadamente, o que o autor chama de “aglomeração” ou “*zoning*” são arranjos para o consumo em função de uma forma “urbana funcional inteiramente sinalizada”, e, também, “todo um modo de vida”, ou seja, todo um modelo sequencial de hábitos conduzidos pela ótica da hipermercadoria e sua “expressão”.

A sinalização referida é impressa por códigos e condutas sociais específicas do consumo, tal como as marcas publicitárias alavancadas por empresas, muitas vezes conjuntamente com o Estado. A especulação da terra como reprodução desse modelo de espaço, na periferia da capital paulista, sobretudo na Zona Leste, foram elementos abordados ao longo desse estudo.

Grandes fluxos de capital dão às pessoas a sensação de que haverá uma consequente crescimento renda, ou um “possível” desenvolvimento de seu *lugar*, do seu “bairro”<sup>55</sup>. De fato, numa visão sobre a questão, toda a movimentação que se prenuncia com o evento dá essa impressão, embora, a lógica desses espaços está nas mãos do capital privado, que seleciona os aptos a comandar sistematicamente as ações necessárias ao funcionamento do empreendimento.

Fecha-se um leque de possibilidades e cria-se uma tensão na relação periferia e centro, o que segundo Harvey (2005, p. 53), coloca como produzido pelo capital, ou, melhor, pelo “imperativo da acumulação”, conforme afirma Marx:

Em geral, parece que o imperativo da acumulação produz concentração da produção e do capital, criando, ao mesmo tempo, uma ampliação do mercado para realização. Em consequência, os “fluxos no espaço” crescem de modo notável, enquanto os “mercados se expandem espacialmente, e a periferia em relação ao centro [...] fica circunscrita por um raio constantemente em expansão” (MARX, 1972, 288). Certo tipo de relação centro-periferia surge da tensão entre concentração e expansão geográfica.

Nos dizeres de Marx, citados por Harvey, os “fluxos no espaço” sofrem dois movimentos antagônicos: uma “concentração” de produção, movida pelo capital, embora ela de outro, cria uma expansão de giro dessa mesma produção. Além disso, na idéia de Harvey acima, a periferia atingida “(...) fica circunscrita por um raio constantemente em expansão”.

Na metrópole paulistana, a expansão pode ter ocorrido desde que levem em conta novas circunscrições derivadas da inicial. Esses espaços são condicionados dentro da necessidade do centro inicial, porém, com a capacidade de ter um poder centralizador setorial.

---

<sup>55</sup> Rever segundo capítulo a respeito da conceituação dos referenciais próximos dos cidadãos, o *bairro*: em: “2.1. A concepção de subúrbio em Pierre George no livro *Geografia Urbana: adequação ao espaço em estudo*”.

A lógica instalada não é nova, apesar de haver, dentro deste espaço repetido relações únicas. Essas unicidades submetidas são novas formas reproduzidas a partir da inicial.

Na hipermodernidade, por exemplo, o trabalho, que reproduz novas formas de relação e de necessidade entre as pessoas, a necessidade de uma maior circulação e obtenção mais dinâmica de mais-valia. Este trabalho dignificado pelo homem cedeu lugar a sua própria contrariedade, o “não” existente como próprio de um espaço metropolitano implodido-explodido.

Dimensiona-se no hipermoderno o virtual, que abarca um nível mundial. É o que Lefèbvre (1973, p. 15-16), como muitos outros, chama de “não trabalho”:

O trabalho produtivo age na e sobre a Physis e não possui nada de natural, a não ser o dispêndio da força física. Especializado, socializado, este trabalho produtivo substituiu a alegria natural pela tarefa e pelo labor; o produto suplanta a obra. Mas eis que do trabalho nasce a possibilidade de não-trabalho; autômato produz sem que haja esforço físico

Assim como, em Granou (1975, p. 54), tem-se a “não-troca entre os homens”:

Esta implicação- a única que importa sob o ponto de vista do capital- não é a única nem a mais importante no ponto de vista do trabalhador. Ao substituir as relações sociais directas, à mercadoria, se é também produção de uma relação de troca (de valor), é em primeiro lugar, produção de não-troca entre os homens, de não-comunicação<sup>56</sup>.

O que se vê diante das transformações ao longo das crises é uma expansão considerável. É que o capitalismo, materialmente, não sucumbiu, mas criou, e ainda continua criando, exaustivamente novas formas, que, entretanto, só se estabelecem sob a ótica do trabalho feito por homens, e que alguns deles, em primeiro plano, sobrepõem os produtos do seu trabalho e do trabalho dos outros.

A reprodução das relações sociais cria essas novas formas, como as imaterialidades, de modo que, ao mesmo tempo, pode legitimá-las e ampliá-las por todo o mundo dentro da sua rede de comando, como os bancos, Bolsa de Valores, taxas cambiais. É preciso um aparato fixo para execução das informações.

Os exemplos de atos cotidianos como ir ao shopping-center ou embarcar em um metrô significam uma sequência de processos, que envolvem desgaste corporal e uma quantia em dinheiro, ou seja, um dispêndio físico e de matéria, preteritamente *estabelecido* e *disseminado* em outros espaços como nos EUA, onde se manifestou primeiramente.

---

<sup>56</sup> Além do mais, “Como escreveu com exactidão H. Marcuse (IX), o modo de vida capitalista é “universo do discurso fechado”, a “linguagem de uma administração total” de um “pensamento unidimensional (Op. cit., p. 54).

A classe média é uma conformação dessa sociedade nascida dentro de uma ambigüidade, um conflito, que Marilena Chauí em seu didático livro “*Convite à Filosofia*” chama de “dilema” de classe. Também, Lefèbvre (1973, p. 26-27), caracteriza essa classe social como portadora de uma “... função ingrata e uma fruição semi-real e meio tecido de ilusões”:

Elas vivem uma dupla vida: rica e pobre- aqui e além no “sistema” com álibis- na função ingrata e uma fruição semi-real e meio tecido de ilusões. A meio caminho entre natureza e cultura, entre o normal e o anômalo ou patológico, etc. (...) As classes médias vêm pois oportunamente dar um exemplo de ambigüidade que pode transformar-se em conflitos.

São novas pessoas, com domínios de abstração dentro dos modos do virtual e do excessivamente técnico. Criadas e educadas com novos hábitos, entre elas existe, a aparente naturalidade ao caminhar e consumir nos espaços de consumo da hipermodernidade. É qualidade de uma extensão, de um alargadamente na história do espaço.

A Copa do Mundo em 2014, pela sua grandiosidade, credita seu aporte à sociedade que a legitima: tanto ao crédito que possibilita a instalação de hotéis, zonas de lazer, como à discutida revalorização da terra para moradias, que se estabelecem de modo igualmente espacializados. Há intenções na materialidade e no próprio desconhecimento das contradições existentes nos arredores.

### 3.2. A relação cidade-campo: resíduo perdido de Itaquera?

Que processos de mundialização estariam subtendidos em uma metrópole com um apanhado de temporalidades simultâneas coexistindo-se nos lugares? Entende-se que o urbano e a mundialidade- que cada vez mais se cristalizam como conceitos a serem analisados para entendimento do contemporâneo-, coexistem com formas antigas e conflituosas. O velho e o novo têm ligações específicas no espaço-tempo, unindo-se numa totalidade.

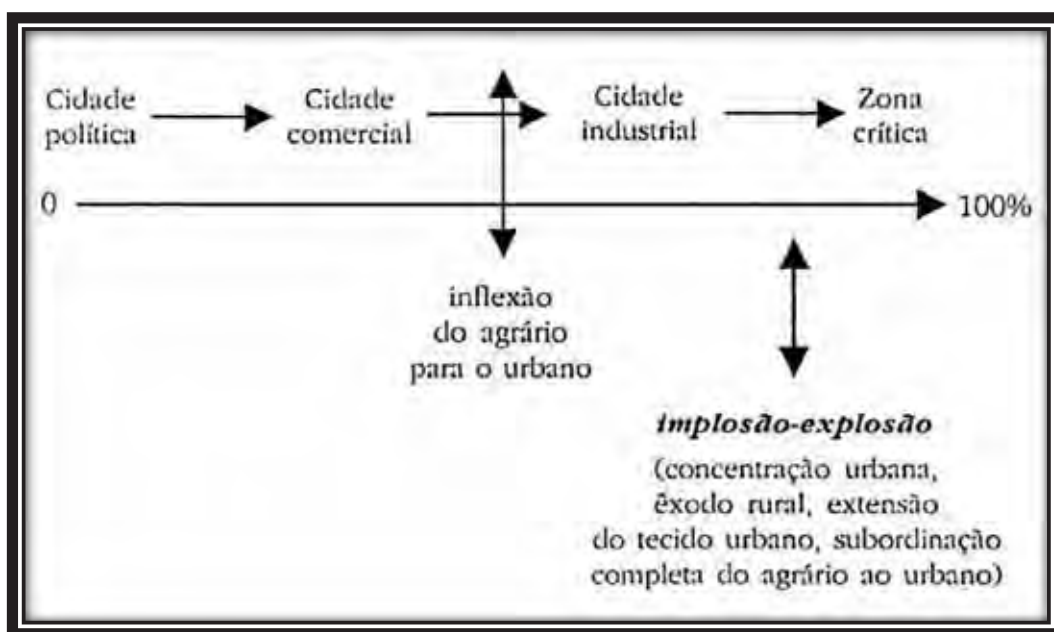


FIGURA 11: Eixo abalizado que descreve o processo histórico até uma “Zona Crítica”: em Lefèbvre (1999, p. 27).

Na busca por explicações elucidativas sobre as metamorfoses nesse espaço periférico da capital paulista, encontramos uma importante informação representada na figura acima, que graças a ressalvas, que exporemos ao longo do discurso, achamos que pode ser entendida dentro da concepção paulistana, mais especificamente no distrito de Itaquera<sup>57</sup>.

A “inflexão do agrário para o urbano” foi necessária para que houvesse uma metamorfose, que se apoderou do espaço da periferia para se viabilizar. Claramente o impacto se deu mais fortemente nas regiões centrais; e as que rodeavam o centro histórico também foram rapidamente impactadas.

<sup>57</sup> São Paulo nasceu como uma cidade ligada ao comércio, com um pequeno centro que rodeava uma realidade ruralista, com a própria política subjugante ao processo de urbanização. As crises que se apoderaram do mundo, principalmente no “*crack*” em 1929, deram como necessário o desenvolvimento dessa nova onda, vinda do capitalismo e praticada nos EUA e em países europeus

Desse, a “Cidade Industrial” não se apresenta na figura como uma cidade propriamente industrial. Podemos também entendê-la como coberta de indústrias e, indo além da caracterização inicial, e imputar a ela uma lógica renovadora, em que existe uma sobreposição de relações entre as pessoas e das camadas urbanas em seus trabalhos aplicados na natureza segunda, isto é, a “segunda natureza”, a natureza urbana, como entendida por Henri Lefèbvre<sup>58</sup>.

É dentro do quadro lógico da “re-nomeação”, que as formas do capitalismo vão se “(...) realizando definindo territórios, cada vez mais abrangentes”. Segundo Damiani (2008, p. 235):

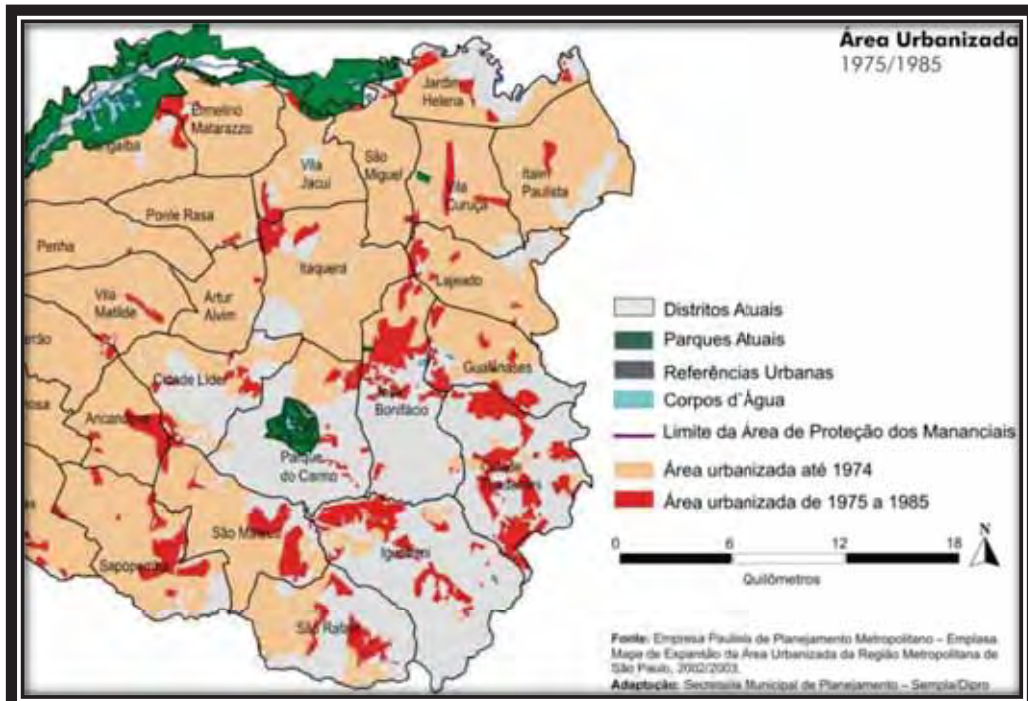
“O processo do capital é, por natureza, extensivo. Ele vai se realizando definindo territórios, cada vez mais abrangentes, como territórios do capital. Conceituá-los como territórios permite a compreensão do processo do capital instaurando-se, por extensão e cumulativamente, nos espaços, como potência econômica e política. Ele vai preenchendo os sentidos dos lugares, renovadamente.

Entretanto, pode a concepção apresentada ser entendida dessa maneira? O movimento que o capital engendra a seguir, dentro de um episódio contraditório, que é “implosão e explosão”, realmente afeta relação cidade-campo de modo definitivo? O modelo que apresentamos dentro de Itaquera, os efeitos secundários apontados, é característico do contexto histórico da metrópole paulistana: concentração urbana, o êxodo rural, extensão do tecido urbano (novas centralidades) e a subordinação completa da ruralidade reinante em relação ao urbano.

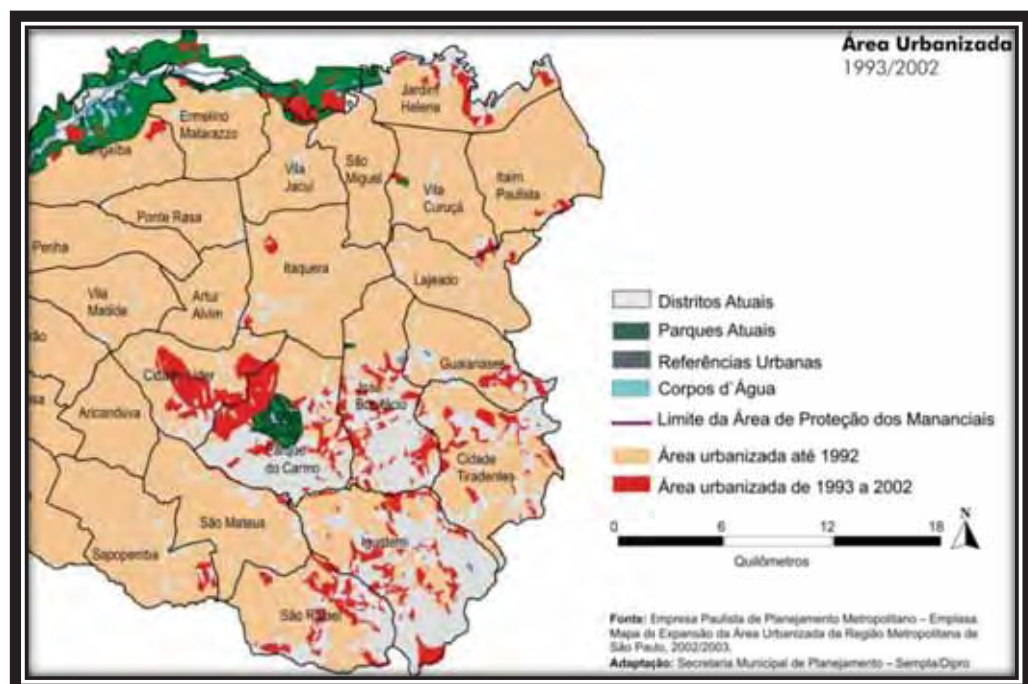
Retomando rapidamente a figura acima, o que aparece como uma “zona crítica” é o agora materializado (ou em vias disso), e sem precedentes prenúncios da Copa em 2014, a cada dia tomando mais espaços nas discussões da sociedade em seus diversos veículos de informações que apresentamos ao longo das indagações e explanações anteriores.

---

<sup>58</sup> Em, LEFÈBVRE, Henri. **A Reprodução das relações de produção, 1973**. “E trata-se mesmo duma segunda natureza; a cidade e o urbano anunciam também essa natureza segunda, “automatizada”- é em direção a essa natureza que nos conduz a destruição catastrófica da naturalidade inicial”. (Op. cit., p. 15-16)



**FIGURA 12:** Área urbanizada entre 1975 e 1985, retratando a continuidade da ocupação, enfatizando Itaquera e a dos outros distritos que compõem a Zona Leste paulistana. Note as manchas a noroeste do distrito.



**FIGURA 13:** Área urbanizada entre 1993 e 2002. O adensamento na mesma área, agora, em menor escala, sinalizando uma situação de saturação.

A duas figuras acima (FIGURA 12 e FIGURA 13) retratam Itaquera já quase completamente tomada por adensamentos urbanos. Tanto é verdade, que as manchas de urbanizações que se estabeleceram estão situadas distantes do centro do distrito, ou seja, estão

próximos dos distritos vizinhos, a oeste e ao norte. O seu passado sobre o qual discorreremos no capítulo anterior, em tese não existe mais.

A observação das Figuras 12 e 13 mostra que no noroeste do distrito de Itaquera, espaços de moradias populares podem ser apontados como resíduos da iniciação urbana do distrito dentro do contexto de lógica pela metrópole? Em nosso sobrevôo, constatamos que em Itaquera a realidade urbana é hegemônica, está por toda parte e, tendo em vista as concepções de hoje sobre estruturas e formas, o mundial irá sobrepor-se de acordo com as intenções dos agentes urbanos envolvidos.

As próprias representações espaciais acima (figuras) revelam uma Itaquera estagnada, com pouca expansão em relação ao distrito de José Bonifácio (coberto por COHABS a partir da década de 70 no século XIX) e ao distrito de Cidade Líder, coberto pela mesma política municipal de habitação popular, porém duas décadas depois

A velocidade com que o distrito de Itaquera tomado foi tomado pelos agentes de parcelamento urbano por iniciativa privada concomitante ao Estado, mostra que há uma tendência, um grande potencial, ou uma notabilidade, no espaço da metrópole que é reavaliado pela conjunção *Estado & empresas privadas*.

### 3.3. Construção, em David Harvey, da passagem do “administrador” para o “empreendedor”: uma relação público-privada.

Quando no primeiro capítulo descrevemos os agentes que encabeçam em Itaquera relacionada com a construção da estrutura para o prenunciado evento mundial, colocamos em voga a relação entre as empresas (agentes privados) e os agentes públicos atuando em espaços da periferia paulistana. O comentário de Harvey (2005, p. 171) só aparentemente contradiz o sentido do comentário quando afirma que o “(...) poder de organizar o espaço se origina em um conjunto complexo de forças mobilizado por diversos agentes sociais.”

Hoje, já não se vale ter em mente apenas uma atitude organizacional, ligada ao administrador. O dinamismo com que chegam novas formas de relação entre as pessoas, determina uma atitude que vai ao encontro do modelo empreendedor<sup>59</sup>. HARVEY (2005, p. 170) afirma, na passagem abaixo sobre o *administrativo-coordenado* para o *empreendedor-flexível*, que:

A condição capitalista é tão universal, que a concepção do urbano e “cidade” também se torna instável, não por causa de uma definição conceitual deficiente, mas exatamente porque o próprio conceito tem de refletir as relações mutáveis entre formas e processo, entre atividade e coisa, entre sujeitos e objetos.

A “condição capitalista”, ao longo do seu desenvolvimento, formou, dentro da estrutura do urbano, “relações mutáveis” que estão a relacionar coisas. Um grande misturar de opções, onde a necessidade constante de se empreender o “novo” a cada momento deixa a cidade mais alegorizada, constantemente dividida entre limites estabelecidos e adestrada por relações igualmente válidas na sociedade que ocupa esses espaços humanizados.

A imperativa levantada busca um espaço para atuar alargadamente ou de forma “esparramada”, e a encontra bem a seu lado, no próprio tecido urbano metropolitano, lócus de sua reprodução.

---

<sup>59</sup> Em, HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**, 2005. “Há uma concordância geral de que a mudança tem a ver com as dificuldades enfrentadas pelas economias capitalistas a partir da recessão de 1973. A desindustrialização, o desemprego disseminado e aparentemente "estrutural", a austeridade fiscal aos níveis tanto nacional quanto local, tudo isso ligado a uma tendência ascendente do neoconservadorismo e a um apelo muito mais forte (ainda que, freqüentemente, mais na teoria do que na prática) à racionalidade do mercado e à privatização, representam o pano de fundo para entender por que tantos governos urbanos, muitas vezes de crenças políticas diversas e dotados de poderes legais e políticos muito diferentes, adotaram todos uma direção muito parecida” (Op. cit., p. 168).

Uma Copa do Mundo mobiliza investimentos em larga escala, e mais que isso, necessita de um fluxo de pessoas que investirão dinheiro para satisfazer suas aspirações lúdicas. Essa aspiração significa um investimento e deve contar com percalços porque é empreendedorizado. Para evitar riscos, conta-se com a sociedade e a sua aprovação, que, em aglomerações, afirma sua idolatria pelo evento.

O inchaço que se viu no desenvolvimento dessa prática é um fato mundial na São Paulo metropolitana (agora também nas suas margens geográficas). Assim como em países mais desenvolvidos, como o caso dos europeus e dos EUA, as grandes cidades foram carros-chefe desse movimento no espaço. Segundo Harvey (2005, p. 171):

A “megalópole” da década de 60 sofreu fragmentação e dispersão ainda maior, especialmente nos Estados Unidos, já que a desconcentração urbana aumentou o ritmo concernente à geração da forma da “cidade esparramada”.

ELEMENTOS DO NOVO EMPREENDEDORISMO	
EM PRIMEIRO LUGAR	, o novo empreendedorismo tem, como elemento principal, a noção de “parceria público-privada”, em que a iniciativa tradicional local se integra com o uso dos poderes governamentais locais, buscando e atraindo fontes externas de financiamento, e novos investimentos diretos ou novas fontes de emprego. (p. 172)
EM SEGUNDO LUGAR	, a atividade da parceria público-privada é empreendedora, pois, na execução e no projeto, é especulativa, e, portanto, sujeitas a todos os obstáculos e riscos associados ao desenvolvimento especulativo, ao contrário do desenvolvimento racionalmente planejado e coordenado. (p. 172)
EM TERCEIRO LUGAR	, o empreendedorismo enfoca muito mais a economia política do lugar do que o território. (p. 172-173)

**TABELA 5:** Elementos do novo empreendedorismo elaborado a partir de HARVEY (2005, p. 172-173). Note que a idealização pensada possui uma postura conceituada dentro de uma perspectiva (perspectivo<sup>60</sup>) por parte do autor e, está compreendido em três momentos que se seguem.

Falaremos um pouco sobre a atitude empreendedora relativa ao nosso objeto mais específico. A construção do monumento esportivo deve, com inegável exigência, materializar-se de modo a comportar o consumidor-torcedor e toda uma gama de mercadorias sinalizadas

<sup>60</sup> Em, LEFÈBVRE, Henri. **A Reprodução das relações de produção**, 1973. “Este conceito designa um processo complexo que arrasta consigo contradições e não só as repete, as re-duplica, mas também as desloca, as modifica, as amplifica. Hoje, mas se deixa este terreno relativamente firme, não se tem outro recurso que não seja o dessas metáforas: os fluxos, os agregados, etc.”. (Op. cit., p. 6)

de outras empresas investidoras, com seus respectivos slogans, para atrair e cativar os que percorrem esse espaço de encontro.

Uma das atitudes que julgamos é a da redução de custos e incentivos econômicos e burocráticos que o Estado (na sua esfera de abrangência federal e municipal principalmente) está permitindo em relação às empresas (que se colocam à frente do evento)<sup>61</sup> (as construtoras, clubes-empresas e imobiliárias): elas estão representadas no primeiro momento da TABELA 5 acima.

Também o tempo de execução das outras, o dispêndio de recursos, as qualidades que esperadas, não podem ser garantidas; porque são atos especulativos, movidos por agentes que participam de um *não-trabalho*<sup>62</sup>, diante de um quadro de financeirização. Esse é o segundo momento representado na tabela a partir de David Harvey: “(...) ao contrário do desenvolvimento racionalmente planejado” e compulsoriamente “coordenado” em solo.

O desenvolvimento do setor financeiro e empreendedor, segundo Damiani (*apud* VOLOCHKO, 2008, p. 25), constitui-se um fato que foi implantado no Brasil por agentes externos, numa transferência (“substituição<sup>63</sup>”) de produção, segundo uma lógica de fora:

Portanto, o domínio do capital financeiro não é somente uma nova face da riqueza, ele representa a crise da riqueza real, ele (...) diz representar o capital produtivo, mas não chega à produção (...), não produz riqueza real (valor). (...) O capital tenta adiar o aprofundamento da crise, transferindo a produção, o comércio e a força de trabalho disponível para outros países, investindo nestes lugares (...), impondo a lógica das finanças internacionais. Portanto, a crise é transportada para todo lugar.

A crise se estabelece no momento em que há uma “transferência”, escoada para os países não desenvolvidos, mas não em qualquer um. É preciso que se tenha, antes, os aparatos ideológicos, ou melhor, é preciso estar rodeado de produtos externos, esses mesmos que, adentrando rapidamente no território da metrópole paulistana, impõem “a lógica das finanças

---

<sup>61</sup> Ver, FOLHA.COM. **Prefeitura de SP irá desonerar Itaquerão em até 60% do custo**, 2011. Disponível em... Ver Bibliografia. “Mas o principal benefício virá dos CIDs (Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento), cartas dadas pela prefeitura a investidores, que podem ter um valor cumulativo equivalente a até 60% do total do investimento”. Além, o “... CID é uma moeda com a qual (o investidor) poderá pagar imposto futuro, em um prazo de dez anos. No entanto, o investidor poderá pegar e, antes de o estádio estar pronto, vender no mercado para fazer caixa”.

<sup>62</sup> Referência entendida sob a ótica de André Granou em seu livro *Capitalismo e Modo de Vida*.

<sup>63</sup> Em, LEFÈBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**, 1991. “Aproveitando essas fraquezas históricas em favor de uma conjuntura histórica, com um custo social incalculável (duas guerras mundiais, uma terceira em perspectiva), com base em transformações técnicas aceleradas, as relações de produção capitalistas não desapareceram. Elas se adaptaram e se consolidaram (momentaneamente) numa parte do mundo, sem deixar de pesar sobre a outra parte. Nessas circunstâncias, operou-se um gigantesco *desvio* da capacidade' criadora”. (Op. cit., p. 207)

internacionais”; e, assim a “(...) crise é transportada para outro lugar”, enfocada no “lugar”.  
Ésse é o *terceiro momento*.

### 3.3.1. Os signos do consumo do mundial que se aventurarão por Itaquera com a Copa do Mundo em 2014: Uma realidade apenas ampliada?

Como centralidade dentro do distrito de Itaquera, os instrumentos e bens, que servirão de base para sustentar a realização plena do evento dentro do urbano ocupam uma parte de investimentos feitos por agentes urbanos.

Em relação ao urbano, ele adquiriu seu mais alto patamar, considerado, então, como um valor de troca e, com isso, “alienou o valor de uso<sup>64</sup>”.

O que se vê diante das novas produções do espaço são aquelas comandadas pela lógica e estratégias dos signos do consumo.

As centralidades estratégicas, por exemplo, em relação ao evento em questão, constituem um apanhado desses signos. São atraídas pelas oportunidades espelhadas no caráter de aglomeração desses espaços efêmeros. Porém, hipoteticamente, retirando de órbita momentaneamente o evento “futebol”, continuarão a promover qualidades de investimento, tratando-se de uma Arena Multifuncional.

Esse caráter de multipropósitos seria talvez, uma questão fundamental para a análise dentro da iniciativa dos signos do consumo? Se for, estamos em vias de apurar alguns indicadores, relativos aos estudos sobre o assunto e nas discussões das metrópoles mundiais.

Os signos na formação de uma identidade abstrata de indivíduo. Segundo Carlos (2007, p.67):

A produção de uma nova urbanidade se realiza pela mediação da mercadoria que constitui a sujeição do indivíduo ao conjunto de objetos/signos e, com isso colabora para a criação de um novo individualismo como consequência da fragmentação do indivíduo.

A Federação Internacional de Futebol, a instituição decisória para a realização do evento, facilita a entrada de diversos signos, marcas de consumo. Essa consideração está organizada na tabela abaixo, onde vemos que muitas das marcas, estão calçadas em modalidade diferentes. Como “Parceiros Comerciais”, existem, também, parceiros em

---

<sup>64</sup> Sobre o trabalhador e seu “produto do trabalho. Esta aceitação diante das circunstâncias coloca o que Marx chama de alienação. Ver em, MARX, Karl. **O Capital II (Crítica da Economia Política)**, 1996. “O valor do novo produto inclui, de resto: o equivalente do valor da força de trabalho e uma mais-valia, precisamente porque o valor da força de trabalho vendida por determinado período de tempo, dia, semana etc., é menor do que o valor que seu uso cria durante esse tempo. O trabalhador, porém, recebeu em pagamento o valor de troca de sua força de trabalho e, com isso, alienou seu valor de uso, como é o caso em toda compra e venda” (Op. cit., p. 218).

determinada relação como os “Parceiros da FIFA” e outros, de menor abrangência, relacionados aos parceiros “Apoiadores Nacionais”:

A maioria das marcas de consumo estão inseridas em Itaquera, mesmo antes de estarem, neste momento, relacionadas com a instituição que valida o evento esportivo no distrito, e, claro, no o país, até sua realização.

<b>Parceiros comerciais</b>		
<b>Parceiros da FIFA</b>	Adidas	<a href="http://www.adidas.com">www.adidas.com</a>
	Coca-Cola	<a href="http://www.coca-cola.com">www.coca-cola.com</a>
	Hyundai & Kia Motors	<a href="http://www.hyundai-motor.com">www.hyundai-motor.com</a>
	Emirates	<a href="http://www.emirates.com">www.emirates.com</a>
	Sony	<a href="http://www.sony.net">www.sony.net</a>
<b>Patrocinadores da Copa do Mundo da FIFA</b>	Visa	<a href="http://www.corporate.visa.com">www.corporate.visa.com</a>
	Budweiser	<a href="http://www.budweiser.com">www.budweiser.com</a>
	Continental	<a href="http://www.continental.com">www.continental.com</a>
	Castrol	<a href="http://www.castrolfootball.com">www.castrolfootball.com</a>
	McDonald's	<a href="http://www.mcdonalds.com">www.mcdonalds.com</a>
	Johnson-Johnson	<a href="http://www.jnj.com">www.jnj.com</a>
	Oi	<a href="http://www.oi.com.br">www.oi.com.br</a>
	Sara	<a href="http://www.sara.com.br">www.sara.com.br</a>
<b>Apoiadores Nacionais</b>	Yingli Solar	<a href="http://www.yinglisolar.com">www.yinglisolar.com</a>
	Itaú	<a href="http://www.itau.com.br">www.itau.com.br</a>
	Liberty Seguros	<a href="http://www.libertyseguros.com.br">www.libertyseguros.com.br</a>
<b>Biografia Completa</b>	Nescau	<a href="http://www.fifa.com">www.fifa.com</a>
	Football For Hope	
	Editora Abril	<a href="http://www.abril.com.br">www.abril.com.br</a>

**TABELA 6:** Parceiros comerciais da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Note que as empresas em parceria com a federação esportiva, todas elas, são marcas signos do consumo mundial. **Elaborado a partir de:** <http://pt.fifa.com/worldcup/organization/partners/index.html>.

O que sabemos sobre o privilégio dessas marcas ligadas à instituição futebolística que aprovará o evento em São Paulo é que, durante a realização do evento em 2014, medidas serão tomadas para garantir a exclusividade aos signos de consumo eleitos, pelos menos nas intermediações dos estádios. No que tange à qualidade de vias e locais para repouso, por exemplo, os limites do consumo dessas marcas serão bem maiores.

### 3.4. O processo vindouro de revalorização em Itaquera: quem perde e quem ganha?

O centro histórico, que já sofreu um despovoamento, em razão da dificuldade de mobilidade urbana e de realização de atividades referentes aos bens e serviços, uma parte da população, notadamente de maior renda, saiu em direção às regiões afastadas.

A Zona Leste é umas das coordenadas a que as mudanças se dirigiram, não tanto pela sua dimensão, mas pela possibilidade de existência concreta de espaços de consumo pouco preenchidos em determinadas áreas. Conseqüentemente, alguns ramos do comércio e da indústria, que não precisam estar fixados no centro, vão ao encontro desses moradores metropolitanos, e se instalam, também, nestas regiões mais afastadas.

E a população antes instalada? Retrocedendo um pouco ao passado de Itaquera, observamos que a maioria dos residentes no bairro, pertencem a camadas sociais carentes, com poucos recursos. Segundo Carlos (2010, p. 83) a noção que temos de periferia necessita ser repensada:

A população mais pobre também procura as áreas mais distantes, mas por outros motivos: os terrenos são mais baratos devido à falta de infra-estrutura e existe a possibilidade da autoconstrução. As indústrias também se deslocam em razão do preço da terra e das sempre crescentes necessidades de novas infra-estruturas, com o objetivo precípuo de diminuir os custos de produção e aumentar o lucro, numa economia cada vez mais competitiva, por causa da globalização da economia. Com isso, a idéia de periferia associada a idéia de "pobreza" deve ser repensada, pois hoje, a periferia da mancha urbana da metrópole paulista contempla contraditoriamente, os condomínios fechados de luxo, os bairros pobres sem infra-estrutura e os bolsões industriais.

São também homens, seres humanos, e que certamente, estabelecem vínculos com seus próximos e que se envolvem em relações sociais, que só existem, graças ao espaço e tempo em que foram constituídas ao grupo social que as estabeleceram.

Certamente, com a aparição desses novos moradores oriundos do centro na esteira das empresas que os procuram constantemente, surge um conflito que como é de costume, terá vencedores e perdedores. Tendo em vista o problema perguntamos: Quem perde e quem ganha? Seria fácil se a resposta fosse dada num só golpe porque, esse conflito, ou melhor, essa contradição, não está explícita.

Quanto à população historicamente residente em Itaquera no que tange ao espaço de habitação, descrevemos a precariedade das moradias, aliada às metamorfoses que a Copa do Mundo em 2014 causará ao longo de seu processo constitutivo.

Se no capitalismo a soma em dinheiro em investimentos dá poder ao homem, os bem sucedidos que vão para Itaquera certamente não gostam nem pensam em gostar do convívio ao lado de pessoas financeiramente menos favorecidas. É um quadro claro de segregação, e, segundo Souza (2007, p. 83-84), “(...) retroalimenta desigualdades”:

Quanto à segregação residencial, ela é, essencialmente, um produto da cidade. Meros povoados ou aldeias rurais não possuem uma complexidade que dê origem a bairros inteiros ou grandes espaços segregados, sendo, pelo contrário, relativamente homogêneos. A segregação residencial é um fenômeno urbano, e da grande cidade muito mais que das cidades pequenas. [...] Em uma cidade capitalista, no entanto, especialmente se situada em um país (semi) periférico, o quadro é muito diverso: a segregação está entrelaçada com disparidades estruturais na distribuição da riqueza socialmente gerada e do poder. A segregação deriva de desigualdades e, ao mesmo tempo, retroalimenta desigualdades (-> *retroalimentação positiva*), ao condicionar a perpetuação de preconceitos e a existência de intolerância e conflitos.

O objetivo do morador é pura e simplesmente enriquecer e viver perto dos familiares mais próximos; mas, esse sentimento de “amor”, não se sobrepõe à sua riqueza.

Então, com proceder nesse caso? Eis que surge o empreendedor que ligado à esfera imobiliária, e com o aval do Estado para agir, inicia um processo de **revalorização** das terras outrora preenchidas por camadas de baixa renda. A partir da década de 1990, em Itaquera novas formas codificadas do centro emergiram no distrito: são as formas mundiais que descrevemos no primeiro capítulo que são “empurrões” dados pelos agentes imobiliários como álibi para iniciar a empreitada hoje escancarada pelo advento central do nosso estudo. Sobre “álisis”, escreve Lefèbvre (1991, p. 80) que:

A “estrutura latente” é constituída de um encadeamento de *álisis* tão numerosos quanto as funções e as instituições. A tecnicidade serve de álibi para a tecnocracia, e a racionalidade, aos funcionamentos que giram em torno de si mesmos (pleonasmos sociais). O “sistema” – supondo-se que exista um esconde-se embaixo dos “subsistemas”: é aquele sistema de álisis àqueles que querem fugir das contradições ou dissimulá-las. A cultura da elite é álibi da cultura de massas, e assim por diante.

De acordo com a citação acima, se a “(...) cultura de elite é álibi da cultura de massa”, podemos, num mesmo paralelo, pensar que, *as moradias da elite são álisis das moradias populares (de massa)*? A **revalorização** de áreas de baixo preço ou pouco especuladas, fazem parte de um sistema maior, de uma lógica mais profunda; portanto, são “subsistemas” do modo capitalista de produção, e dessa forma, um “... sistema de álisis àqueles que querem fugir das contradições ou dissimulá-las”.

## **CONCLUSÃO**

Concluir um estudo significa tentar compactar todos os pontos discutidos e, posteriormente, enfatizar aqueles que permitirão o aprofundamento das reflexões. Não apenas sobre os mesmos, mas também sobre conceitos relacionados a uma prática social, que hodiernamente se aplica ao espaço na produção dele, anteriormente iniciada e seu consumo ligado à imagem e sua representação no urbano, juntamente com aos fluxos de matéria e de informações que percorrem geograficamente pontos do distrito em todas as direções, 24 horas por dia.

As contradições que ainda afloram no distrito e as que precipitam novas relações no lugar, de forma alguma se encerram. O evento prenunciado constitui-se um dos momentos dentro outros que virão, caso a Copa e sua mundialidade se efetivem.

Quando voltamos para o passado, no momento da regressão as formas urbanas prenunciadas pelo o evento de 2014 não estavam presentes, em grande parte, nos momentos em que Itaquera começara seu processo de “recorte” do espaço que se tornou programado.

O método escolhido para o percurso da trajetória de estudo advém da perspectiva sociológica, porém, foi por nós colocado dentro de uma concepção da Geografia, ciência que deveria em sua essência se embasar nas práticas da sociedade e nos seus modos historicamente estabelecidos de relacionamento.

A ciência geográfica busca alcançar o nível de explicação do mundial. No entanto, falta-lhe caracterização específica de seu objeto. A esse respeito, Santos (1988, p. 8) coloca, por exemplo, uma objeção quanto à sua gênese (que se deu em um plano econômico e quantitativo), inserida na “economia neoclássica e, portanto, aespacial” ao longo do século XX<sup>65</sup>.

O caráter “aespacial”, atualmente na Geografia, é entendido dentro de um pragmatismo e virtualismo, servido compulsoriamente de técnicas cada vez mais engenhosas, promovidas por programas computacionais, engendrando, assim, modelos puramente quantitativos e genéricos de análise. No entanto, segundo Moraes (2007, p. 116), com relação

---

<sup>65</sup> Entretanto, ainda, sobre um “lugar” sem “autonomia”, SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da Geografia**, 1988: “Vale, então, a pena retomar o debate sobre se a geografia seria então uma ciência dos lugares, como há quase um século já nos dizia Vidal de La Blache, ou se apenas seria uma ciência dos homens. Parecemos que, hoje, a geografia tende a ser cada vez mais a ciência dos lugares criados ou reformados para atender a determinadas funções, ainda que a forma como os homens inserem-se nessa configuração territorial seja ligada, inseparavelmente, à história do presente. Se os lugares podem, esquematicamente, permanecer os mesmos, as situações mudam. A história atribui funções diferentes ao mesmo lugar. O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam- ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos, mas que não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem” (Op. cit., 18-19).

aos agentes envolvidos nesse modelo de espaço, são duas as “órbitas” de inserção diferenciada da perspectiva geográfica: “estatal” e “um elemento da gerência das empresas capitalistas”:

É uma arma prática de intervenção, mas também uma arma ideológica, no sentido de tentar fazer passar como “medidas técnicas” (logo, neutras e cientificamente recomendadas) a ação do Estado na defesa de interesses de classe. Fora da órbita estatal, o planejamento é diretamente um elemento da gerência das empresas capitalistas. Assim, o conteúdo de classe da Geografia Pragmática é inquestionável. E, inclusive, este compromisso que dá unidade às suas várias propostas: uma unidade política. O fato de manter a base social do pensamento geográfico tradicional faz dela a via conservadora do movimento de renovação dessa disciplina.

Entender a mundialidade nas periferias, que, historicamente, mudou de função no espaço urbano<sup>66</sup>, por meio de uma análise que relaciona não só as funções estruturais excessivamente servidas de técnicas e tecnologias, mas engendra também uma metodologia que indica uma mudança nas esferas da vida da sociedade urbanizada, faz-se importante.

O Shopping-Center, os automóveis, a Internet e a especulação imobiliária (momentos descritivos do primeiro capítulo) são movimentos que, pela abrangência alcançada na hipermodernidade, modificam modos e condutas da sociedade, suprimindo outras não compatíveis com a lógica econômica e de consumo.

Esta mesma intensidade é expressiva, também, nos gostos, desejos e possibilidades de gozo dos consumidores, seja pela imagem ou pela materialidade propriamente dita, que, em determinados momentos, estabelecem sua lógica na sociedade da periferia, que já não é completamente esquecida.

As novas centralidades urbanas como um momento dentro dessa fragmentação apresentam-se em franca expansão, em direção as periferias paulistanas, e vêm obtendo resultados<sup>67</sup> satisfatórios nas periferias da Zona Leste. Itaquera e a capacidade de abrigar um monumento estão em andamento como concretude no referido distrito.

---

<sup>66</sup> Em, GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**, 1983. “De todo modo, as zonas periféricas são desprovidas de quadros financeiros, administrativos, culturais, acima da escala estritamente local. Elas são, então, reatadas organicamente, por laços complementares, com a cidade, ou formam complexos arbitrados pela cidade e no interior dos quais se efetuam trocas de produtos e de serviços. Estes laços se materializam por deslocamentos diários de produção ativa entre cada localidade de periferia e a cidade principal, ou de uma zona periférica para outra”. (Op. cit., p. 79-80)

<sup>67</sup> Como fato que comprova a afirmativa, podemos referir o comentado no primeiro capítulo, relativo aos números em âmbito mundial, referente a investimentos, que seriam os da franquia de lanches rápidos “MC’Donalds” em 2008, justamente dentro de um estabelecimento significado para o consumo, como é o caso dos Shopping-Centers.

Os agentes discutidos neste trabalho estão a favorecer essa legitimação. Diversos são eles, e tentar enumerá-los seria uma atitude descabida, embora, alguns apontamentos da inserção desses homens estejam a transformar um espaço, procurando representá-lo com mais constância, como mercadoria de troca.

Pudemos, no terceiro momento, discutir o movimento de ascensão do empreendedor, que facilmente se deslocou para o trato mercantilizado do espaço, na sua alegorização; segundo Harvey (2005, p. 174) o empreendedor, no sentido que os colocamos por nós para o evento materializado no urbano itaquerense, além da material discrepância em relação ao distrito, ambas realizam-se igualmente “(...) por meio da construção especulativa do lugar”, sendo o lugar, o último, entendido como partícipe do mundial dentro do alargamento do moderno na metrópole paulistana, agora na direção das suas adjacências:

Normalmente, o novo empreendedorismo urbano se apóia na parceria público-privada, enfocando o investimento e o desenvolvimento econômico, por meio da construção especulativa do lugar em vez da melhoria das condições num território específico, enquanto seu objetivo econômico imediato (ainda que não exclusivo).

A “parceria público-privada” mencionada pelo geógrafo americano está ligada às relações<sup>68</sup> entre construtoras e governo federal, clubes-empresa e governo municipal, clube-empresa e governo federal, espaços de consumo (signos do consumo) e governos municipal, e estadual e clube-empresa, imobiliárias e governo municipal, governo federal e federação esportiva internacional entre outros.

O impacto iminente do evento e crescente desenvolvimento e aporte de instrumentos modernos, assim como novas relações sociais despontadas no centro, estão entre as características que agem nessa conexão entre as duas temporalidades.

Em Itaquera, delineia-se como produto final do prenunciado momento do mundial, um espaço consumido, multiproposital, mas voltado para o lazer, esse. Segundo Carlos (1992, p. 200), os espaços “(...) dispõem de um mínimo de soluções diversamente organizadas: jardins, campos de entretenimento e estádios de competições – espetáculos”.

A sociedade que aceita as metamorfoses vindouras é a mesma que se aglomera cotidianamente atrás dos signos de consumo, existentes num espaço de igual medida, e, para não nos esquecermos, movido por homens enquanto agentes reprodutores de mais-valia.

---

<sup>68</sup> Optamos por colocar algumas das *relações* que detectamos ao longo do estudo de forma direta, sem mencionar nomes, mas, referindo-se as relações ditadas pelo público facilitador e criador, e o privado, puramente empreendido e gestor efetivo.

Há uma lógica diferente no urbano em relação aquela das cidades do início do século XX, isto porque, em relação a outras temporalidades, afirma-se com e como raridade e, essas *raridades* como objeto simbólico, engendrado pelo *valor de troca* do hipermoderno. As ditas “raridades”, segundo Damiani (2008, p. 184):

A produção do espaço colocará a questão ao nível do consumo do espaço, decifrando o espaço urbano como mercadoria, constituindo-se como raridade; assim, pondo, francamente, a negação do uso, em prol da abstração do valor de troca.

Finalizando nossas explicações e discussões, o que nos interessou em Itaquera foi justamente essa apropriação diferenciada tendo em vista seu passado materializado, desde sua expansão. É um caminho sem volta para urbanização, que adquire maior relevância nas metamorfoses do espaço, e, subsequentemente, nas novas áreas de centralidades como repetição do padrão mundial, disseminado a partir do seu centro histórico metropolitano.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. A. **Modernização capitalista e reprodução social da classe trabalhadora na periferia de salvador: o Pero Vaz e as formas e práticas derivadas da escravidão**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AVERSAN, Debora Regina. **Em busca de um lugar na metrópole: Cotidiano e vivências na Cidade A. E. Carvalho**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AZEVEDO, Aroldo de. (Org.) **Itaquera e Poá, subúrbios residenciais** (Capítulo IV). In. AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo: Estudos de geografia urbana** São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1958. (153-178pp)

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Editora: Relógio d'Água. Tradução de Maria João da Costa Pereira, 1991.

BLOGDOABRAHO.BLOGSPOT.COM. **Igreja Nossa Senhora do Carmo-Itaquera, 80 Anos**, 2008. Disponível em: <http://blogdoabraho.blogspot.com/2008/12/igreja-nossa-senhora-do-carmo-itaquera.html>. Acessado em 29 de Julho de 2011.

BOTELHO, Adriano. **A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo**. Cadernos Metrópole 18, pp. 15-38, 2º sem. 2007.

CARLOS, A. F. A. (Org.). **Apresentando a metrópole na sala de aula**. In. CARLOS, A. F. A. **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 8. ed., 2010. (79-91p)

\_\_\_\_\_, Ana Fani Alessandri. (Org.) **A reprodução da cidade como “negócio”**. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARREGAS, Carles. **Urbanização e mundialização: estudo sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005. (29-37p)

\_\_\_\_\_, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1994.

\_\_\_\_\_, Ana Fani Alessandri. **Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo**. *Em publicación*. América Latina: cidade, campo e turismo. Amália Inês Geraiges de Lemos, Mônica Arroyo, Maria Laura Silveira. CLACSO, Congresso Latino Americano de Ciências Sociales, San Plablo. Diciembre 2006. (p. 75 – 88)

\_\_\_\_\_, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Tradução: Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

CIT.COM. **África do Sul ganha a Copa do Mundo... da desigualdade**, 2010. Disponível em: [www.lsr-cit.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=653:africa-do-sul-ganha-a-copa-do-mundo-da-desigualdade&catid=57:africa&Itemid=84](http://www.lsr-cit.org/index.php?option=com_content&view=article&id=653:africa-do-sul-ganha-a-copa-do-mundo-da-desigualdade&catid=57:africa&Itemid=84). Acessado em 12 de Fevereiro de 2011.

CONTANDOITAQUERA.BLOGSPOT.COM. **Estádio em Itaquera pode ‘travar’ mercado imobiliário, dizem corretores**, 2010. Disponível em: <http://contandoitaquera.blogspot.com/2010/09/estadio-em-itaquera-pode-travar-mercado.html>. Acessado em 22 de Março de 2011.

\_\_\_\_\_. **Esperança e medo**, 2011. Disponível em: <http://contandoitaquera.blogspot.com/2011/01/esperanca-e-medo.html>.

CORREANETO.COM.BR. **Alguém trocaria 16 hospitais por um estádio de futebol?**, 2011. Disponível em: <http://www.correaneto.com.br/site/?p=12791>. Acessado em 10 de Setembro de 2011.

DAMIANI, Amélia Luisa. (Org.). **A Geografia e a produção do espaço da metrópole entre público e o privado**. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri,

CARREGAS, Carles. **Urbanização e mundialização: estudo sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Geografia: Observações de Método – Elementos da Obra de Henri Lefèbvre e a Geografia – Ensaio sobre a Geografia Urbana a partir da Metrópole de São Paulo**. Tese (Livre-Docência em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

DIÁRIODACPTM.BLOGSPOT. **Governo SP investirá R\$ 300 milhões em Itaquera**. Disponível em: <http://diariodacptm.blogspot.com/2011/02/governo-sp-investira-r-300-milhoes-em.html>. Acessado em 29 de Março de 2011.

FARIA, Giovanni Santos Marin, CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. (Org.) **Ocupação “irregular” a outra faceta do processo de apropriação do espaço urbano**. In. CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. **O espaço urbano em redefinição: cortes e recortes para análise dos entremeios da cidade**. Editora UFGD, 2008. (p. 121 - 146)

FOLHAUOL.COM. **Juvenal Juvêncio dispara contra Itaquera e arena do Corinthians para Copa-2014**, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/816784-juvenal-juvencio-dispara-contraitaquera-e-arena-do-corinthians-para-copa-2014.shtml>. Acessado em 5 de Janeiro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Prefeitura de SP irá desonerar Itaquerão em até 60% do custo**, 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/876811-prefeitura-de-sp-ira-desonerar-itaquerao-em-ate-60-do-custo.shtml>. Acessado em 22 de Maio de 2011.

\_\_\_\_\_. **Produção de veículos cresce 24% e bate recorde em fevereiro**, 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/884306-producao-de-veiculos-cresce-24-e-bate-recorde-em-fevereiro.shtml>. Acessado em 22 de Maio de 2011.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. Tradução: Grupo de Estudos Franceses de Interpretação e Tradução. São Paulo: Difel, 1983.

GRANOU, Andre. **Capitalismo e Modo de Vida**. Tradução: Maria Helena Machado. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. (Coleção Geografia e Adjacências).

LEFÈBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Tradução Maria Helena Rauta Ramos e Marilene Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_, Henri. **A reprodução das relações de produção**. Tradução de Antônio Ribeiro e M. Amaral. Porto: Publicações Escorpião, 1973<sup>a</sup>. (Cadernos O Homem e a Sociedade).

\_\_\_\_\_. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. (15-32p)

\_\_\_\_\_, Henri. **De lo rural a lo urbano**. Traducción de Javier González -Pueyo. Barcelona: Ediciones Península<sup>®</sup>, 1978.

\_\_\_\_\_, Henri. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES JÚNIOR, W. M, SANTOS, R. C. B dos. **Reprodução do espaço urbano e a discussão das novas centralidades**. Curitiba: Editora UFPR, R. RA'E GA, n. 19, 2010. (107-123p)

LUISNASSIF.COM.BR. **Copa da África desmente promessas de desenvolvimento e escancara apartheid intacto**, 2010. Disponível em: [www.luisnassif.com/forum/topics/copa-da-africa-desmente](http://www.luisnassif.com/forum/topics/copa-da-africa-desmente). Acessado em 14 de Maio de 2011.

MARX, Karl **O Capital I (Crítica da Economia Política)**, O processo de produção do capital, TOMO 2 (Capítulos XIII a XXV). Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Editora Nova Cultura Ltda, 1996. **Documento Digital**: [www.letrasusp.com.br](http://www.letrasusp.com.br).

\_\_\_\_\_. **O Capital II (Crítica da Economia Política)**, O processo de produção do capital, Tomo 1. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Editora Nova Cultura Ltda, 1996. **Documento Digital**: [www.letrasusp.com.br](http://www.letrasusp.com.br).

MIELE, Sávio Augusto de Freitas. **O movimento da economia financeira na dinâmica imobiliária de São Paulo**. São Paulo, FFLCH, 2008. (96p.).  
Disponibilizado em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 21<sup>a</sup> ed., 2007. (152p.)

\_\_\_\_\_. (Org.) **Notas metodológicas sobre metropolização e a metrópole**. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia das Metrôpoles**. São Paulo: Contexto, 2006.

NOGUEIRA, Aída Pompeu (Org.) **Desvendando o habitar no espaço urbano periférico: conjuntos de habitação social em Sapopemba, São Paulo**. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia das Metrôpoles**. São Paulo: Contexto, 2006.

NOTÍCIASITAQUERA/ZONALESTE. **Corinthians coloca Itaquera no milionário mapa mundial do futebol**. 1<sup>o</sup> a 7 de Setembro de 2010. (p. 5)

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Em Itaquera, um McDonald's campeão de vendas**, 2010. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100627/not\\_imp572600,0.php#noticia](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100627/not_imp572600,0.php#noticia). Acessado em 13 de Fevereiro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Estádio do Corinthians paralisa mercado imobiliário em Itaquera**, 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,estadio-do-corinthians-paralisa-mercado-imobiliario-em-itaquera,609780,0.htm>. Acessado em 25 de Março de 2011.

\_\_\_\_\_. **Itaquera espera, em 3 anos, crescer duas décadas**, 2010. Disponível em: [www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100905/not\\_imp605449,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100905/not_imp605449,0.php). Acessado em 7 de Outubro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Preço do metro quadrado em Itaquera aumentou 13,5% neste ano**, 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,preco-do-metro-quadrado-em-itaquera-aumentou-135-neste-ano,609784,0.htm>. Acessado em 29 de Dezembro de 2010.

ODEBRECHT.COM. **Corinthians and Odebrecht Establish Alliance to Build Stadium**, 2010. Disponível em: <http://www.odebrecht.com/en/press-room/press-releases?id=14816>. Acessado em de 27 Fevereiro de 2011.

OLIVEIRA, M. C. V. **Instituições e públicos culturais. Um estudo sobre mediação a partir do caso SESC – São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós – Graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ORIOBRANCO.NET. **Copa 2014: Organizações internacionais criticam desapropriações**, 2011. Disponível em: <http://www.oriobranco.net/esporte-local/15960-copa-2014-organizacoes-internacionais-criticam-desapropriacoes-.html>. Acessado em 27 de Julho de 2011.

PATRICIASOARES.WORDPRESS.COM. **Os sons da Cohab**, 2008. Disponível em: <http://patriciasoares.wordpress.com/page/2/>. Acessado em 23 de Julho de 2011.

PINTAUDI, Silvana Maria. **O templo da mercadoria: estudos sobre os Shopping-Centers do Estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

PREEITURA, São Paulo. **São Paulo minha cidade.com: mais de mil memórias**. Prefeitura da Cidade de São Paulo, São Paulo Turismo, 2008. 358p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (4. ed), 2006.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da Geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo. Coleção Espaços, Nobel: 1987.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **O Pensamento de Henri Lefèbvre e a Geografia**. Curitiba: *Palestra proferida no V Congresso de Geógrafos, pp. 7-19*, Julho de 1994.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 3ª ed., 2007. (192p.)

TOURINHO, A. de O. (Org.) **Centro e Centralidade: Uma questão recente**. In. OLIVEIRA, A. U de, CARLOS, A. F. A. **Geografia das Metrôpoles**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais** (A Pesquisa Qualitativa em Educação). São Paulo: Editora Atlas S. A, 1992.

VOLOCHKO Danilo. **A produção do espaço urbano e as estratégias reprodutivas do capital: negócios imobiliários e financeiros em São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa e Pós-Graduação em Organização do Espaço. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. **Disponível em:** <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>.

#### SITES CONSULTADOS

<http://www.ancar.com.br>

<http://www.gualeste.com.br>

<http://mapab.habisp.inf.br>

<http://imoveis.diretoriodelinks.com.br>

<http://www.prefeitura.sp.gov.br>

<http://pt.fifa.com>

<http://www1.folha.uol.com.br>

<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>

<http://contandoitaquera.blogspot.co>